



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA ZILDA DE FRANÇA

**VARIANTES LEXICAIS NO CAMPO DE CRENÇAS E
RELIGIOSIDADE NO SERTÃO ALAGOANO**

DELMIRO GOUVEIA - AL

2022

MARIA ZILDA DE FRANÇA

**VARIANTES LEXICAIS NO CAMPO DE CRENÇAS E
RELIGIOSIDADE NO SERTÃO ALAGOANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Curso da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras/Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos.

DELMIRO GOUVEIA - AL

2022

**Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

F814v França, Maria Zilda de

Variantes lexicais no campo de crenças e religiosidades no sertão alagoano / Maria Zilda de França. - 2022.
98 f. : il.

Orientação: Cezar Alexandre Neri Santos.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Dialetoлогия. 2. Geolinguística. 3. Atlas Linguístico do Brasil - AliB. 4. Religião. 5. Crenças. 5. Sertão alagoano. I. Santos, Cezar Alexandre Neri. II. Título.

CDU: 81'286(813.5)

FICHA DE AVALIAÇÃO

MARIA ZILDA DE FRANÇA

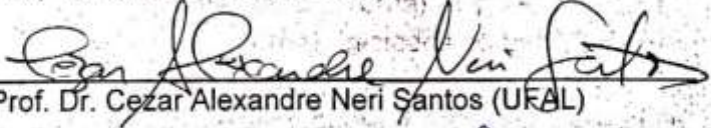
**VARIANTES LEXICAIS NO CAMPO DE CRENÇAS E
RELIGIOSIDADE NO SERTÃO ALAGOANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para aquisição do título de licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em 18 de novembro de 2022.

Delmiro Gouveia-Alagoas/online, 18 de novembro de 2022.

Orientador

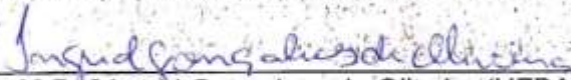

Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos (UFAL)

Examinadora


Prof.ª Dr.ª Fabia Pereira da Silva (UFAL)

Interna

Examinadora


Prof.ª Dr.ª Ingrid Gonçalves de Oliveira (UFBA)

Externa

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar forças e colocar uma cruzada de pessoas de bom coração no meu caminho.

À Nossa Senhora do Rosário, que intercede por mim e é minha fonte de inspiração em toda a minha trajetória de vida.

Ao meu filho, Ramsés França, que é a minha fonte de motivação. Ao meu amor Luiz Carlos, por me apoiar em todos os momentos dessa caminhada; a ele, minha gratidão.

À UFAL – *Campus* do Sertão, por me proporcionar diferentes olhares.

À CAPES, pelos projetos financiados: PIBID em 2018-2020, e, RP em 2020-2022 e por todas as experiências possibilitadas e pelas bolsas de incentivo à docência.

Ao ALiB, por oportunizar essas experiências e a escrita desse trabalho.

Ao meu orientador, prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos, pelos conselhos, pela paciência, por me apoiar durante todo o processo de pesquisa e não desistir de mim; a ele, minha eterna gratidão.

Aos professores e às professoras dessa graduação. Em especial, aos professores Márcio Ferreira, Ismar Inácio, Samuel Barbosa, Fábria Fulniô, Cristian Sales, Suzana Libardi, e Débora Massmann, que me fizeram crescer e olhar mais criticamente o mundo.

A todos os articuladores: Pastor Carlos da Assembleia, Presidente do Centro espírita João Feitoza e ao órgão municipal de Água Branca. Em especial à minha irmã em Cristo, Lidiane, ministra e missionária da Igreja Católica, pela amizade e apoio; a todos, minha eterna gratidão.

A todos os informantes que contribuíram diretamente para esse estudo de pesquisa de campo, a eles e elas, o meu eterno agradecimento, e aos que contribuíram de forma indireta, minha gratidão.

A Norton e Andréa, que sempre foram inspiração em minha jornada acadêmica e pelo apoio.

Aos meus colegas da turma de Letras 2016.2. Em especial Lucineide, Laryse Yara, Cleciane, Érica Vitória e Ernando; a eles e elas, pelos momentos compartilhados.

Aos meus amigos da UFAL, que contribuíram na busca dos informantes, Érica Vitória e Diego Silva, minha gratidão.

Ao meu amigo e revisor de texto, Ricardo Santos, por me apoiar e trocar experiências que possibilitaram a escrita deste trabalho acadêmico.

À minha família, Gerson (pai), Damião (irmão), Josefa, Zenilda e Lenilda (irmãs), Darciana, Railma, Francirlaine, Nacilma, Lávlla, Edmilson e Antonioni (sobrinhos/as), por estarem sempre comigo. *In memoriam*: Luzia Caetano (minha mãe) e Aderval Dionísio (meu irmão).

Às pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização da minha pesquisa, buscando informantes, acompanhando-me, acolhendo-me em suas residências.

Contra a opinião dos que negam o dialeto brasileiro, opinião que vai de encontro a tudo o que está estabelecido em relação à evolução das línguas, se opõe à realidade, que não exige demonstrações. Nem o dialeto brasileiro nos envergonha. É um fenômeno cuja espontaneidade não podemos deter nem governar, é uma força viva que surge das massas populares ao impulso de tendências lógicas e naturais e cuja expansão devemos estudar e observar, mas que não está em nós orientar, porque ela se dirige de acordo com leis glóticas certas e imutáveis.

Mário Marroquim, em A Língua do Nordeste.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar ocorrências de lexias no português brasileiro contemporâneo referentes ao campo *Crenças e Religião* por uma pesquisa bibliográfica e de campo de caráter quanti-qualitativo. Utilizamos dos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística e da Dialetoлогия, considerando uma rede de pontos com cinco municípios do Sertão Alagoano: Delmiro Gouveia, Água Branca, Olho d'Água do Casado, Inhapi e Piranhas. O referido campo semântico que consideramos na pesquisa faz parte do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), e é composto por oito perguntas, a partir das quais realizamos entrevistas com 24 informantes que obedecem aos critérios definidos pelo ALiB: moradores sedentários de zonas urbana e rural do sertão nordestino, com faixa etária de 50 anos acima, de ambos os sexos, com escolaridade até o Ensino Fundamental, de diferentes religiões (inclusive autodenominadas sem religião). O estudo nos levou a perceber o vasto repertório lexical dos informantes, que apresentaram diversas variantes lexicais, tanto aquelas previstas no QSL quanto outras, algumas das quais foram utilizadas em detrimento daquelas consideradas tabus por alguns dos informantes. Observamos que os homens se mostraram mais produtivos em relação à quantidade de variantes lexicais e, de forma geral, os dados apontam grande riqueza linguística e cultural que reflete o conhecimento e a visão de mundo de seus falantes.

Palavras-chave: Dialetoлогия; ALiB; Religião e crenças; Sertão Alagoano.

ABSTRACT

This research aims to describe and analyze the occurrences of lexemes in contemporary Brazilian Portuguese referring to the field of Beliefs and Religion through a quantitative-qualitative bibliographic and field research. We used the theoretical and methodological assumptions of Geolinguistics and Dialectology, considering a network of five municipalities in the Sertão Alagoas: Delmiro Gouveia, Água Branca, Olho d'Água do Casado, Inhapi, and Piranhas. The semantic field we considered in the research is part of the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) project, and is composed of eight questions, from which we conducted interviews with 24 informants who meet the criteria defined by ALiB: sedentary dwellers of urban and rural areas of the northeastern sertão, aged 50 and over, of both sexes, with schooling up to elementary school, of different religions (including the self-identified ones without religion). The study led us to realize the vast lexical repertoire of the informants, who presented several lexical variants, both those provided for in the QSL and others, some of which were used to the detriment of those considered taboo by some of the informants. We observed that men were more productive in relation to the quantity of lexical variants and, in general, the data indicate a great linguistic and cultural richness that reflects the knowledge and worldview of its speakers.

Keywords: Dialectology; ALiB; Religion and Beliefs; Sertão Alagoas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização geográfica do Alto Sertão Alagoano do Estado de Alagoas.....	29
Figura 2 – Mapeamento do Clima do Alto Sertão Alagoano	31
Figura 3 – Mucunã.....	65
Figura 4 – Elefante	66
Figura 5 – Patuá.....	67
Figura 6 – Medalha.....	70
Figura 7 – Efígie em moeda	71
Figura 8 – Presépio	72
Figura 9 – Recorte da Carta 73 Diabo do Atlas Linguístico de Alagoas	75
Figura 10 – Recorte da Carta 74 Presépio do Atlas Linguístico de Alagoas.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição étnico-racial por municípios do Alto Sertão Alagoano	33
Quadro 2 – Distribuição das religiões por município do Alto Sertão Alagoano.....	34
Quadro 3 – Distribuição dos informantes: variáveis sociais	39
Quadro 4 – Perfil dos/as informantes por municípios do Alto Sertão Alagoano	49
Quadro 5 – Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 147	60
Quadro 6 – Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 148	61
Quadro 7 – Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 149	63
Quadro 8 – Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 150	65
Quadro 9 – Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 151	68
Quadro 10 – Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 152	69
Quadro 11 – Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 153	70
Quadro 12 – Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 154	72
Quadro 13 – Quantidade de ocorrências de lexias e localidades da carta 73 do ALEAL	76
Quadro 14 – Quantidade de ocorrências de lexias e localidades da carta 74 do ALEAL	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – <i>Diabo</i> : quantidade de ocorrências	59
Gráfico 2 – <i>Fantasma</i> : quantidade de ocorrências	61
Gráfico 3 – <i>Feitiço</i> : quantidade de ocorrências	62
Gráfico 4 – <i>Amuleto</i> : quantidade de ocorrências	64
Gráfico 5 – <i>Benzedeira</i> : quantidade de ocorrências	67
Gráfico 6 – <i>Curandeiro</i> : quantidade de ocorrências	68
Gráfico 7 – <i>Medalha</i> : quantidade de ocorrências	70
Gráfico 8 – <i>Presépio</i> : quantidade de ocorrências	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 UM PANORAMA DOS ESTUDOS GEOLINGUÍSTICOS.....	17
2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	17
2.2 A VARIAÇÃO DIATÓPICA E A DIALETOLOGIA	20
2.2.1 Atlas Linguísticos: produtos de estudos dialetais.....	21
2.3 REVISÃO DA LITERATURA: ESTUDOS DIALETOLÓGICOS NO BRASIL	23
2.3.1 Os estudos dialetológicos em Alagoas	27
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DIALETAL.....	29
3.1 LÓCUS DA PESQUISA	29
3.1.1 Religiosidade do povo sertanejo.....	35
3.2 SUJEITOS DE PESQUISA.....	38
3.3 COLETA DE DADOS	40
3.3.1 Questionário ALiB	43
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: O ESTUDO DIALETOLÓGICO NO SERTÃO ALAGOANO	46
4.1 RELATO DA PESQUISA DE CAMPO	46
4.2 CAMPO SEMÂNTICO CRENÇAS E RELIGIOSIDADE	55
4.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICES	87
ANEXOS	93

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada pelo interesse em aprofundar os conhecimentos em linguagem que surgiram quando cursamos a disciplina Teoria Linguística 1, no semestre letivo 2018/1, ministrada pela Profa. Dra. Elyne Vítório. A disciplina me instigou acerca dos estudos linguísticos de modo geral, ao proporcionar um leque de olhares teóricos e reflexivos acerca da linguagem, indo para além do conhecimento gramatical da língua portuguesa numa perspectiva tradicional/conservadora.

As discussões das aulas me levaram a ver os estudos da linguagem *com outros olhos* e a compreender de forma reflexiva e humanizada esse universo por meio da Sociolinguística. Se a professora Elyne acabou por se transferir do *Campus* do Sertão, por outro, o professor Cezar Neri estaria de volta ao *Campus* para assumir cadeiras nessa área de conhecimento, que eu já conhecia antes mesmo da entrada na universidade, quando de nossa participação no Programa Brasil Alfabetizado, sendo ele o professor de formação de Língua Portuguesa e eu a coordenadora de algumas turmas, projeto no qual permaneci por quatro etapas consecutivas. Assim, ao me filiar em definitivo aos estudos sociolinguísticos como campo de pesquisa, obtive um norte para aprofundar meus conhecimentos teóricos, com indicações de autores, textos e vídeos voltados para a pesquisa dialetal no Brasil.

A jornada até aqui empreendida me levou à escrita deste trabalho, tendo como objetivo geral descrever e analisar ocorrências de lexias no português brasileiro contemporâneo referentes ao campo *Religião e crenças*. Para cumprir tal objetivo, tivemos que esboçar um panorama dos estudos geolinguísticos e dialetológicos no Brasil, descrever os procedimentos metodológicos da pesquisa dialetal, delimitando o lócus e os sujeitos de pesquisa, as técnicas de coleta de dados e, por fim, como se daria o tratamento desses dados da pesquisa, transcrevendo as respostas transcritas, quantificando-as em forma de gráficos e observando as lexias mais utilizadas considerando as variáveis selecionadas.

Traçamos esse percurso através de uma pesquisa bibliográfica e de campo de natureza quantitativa, com o levantamento das variantes lexicais do Sertão Alagoano a partir de entrevistas pautadas no Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que auxiliou para o mapeamento da realidade linguística brasileira. Nos valem do método geolinguístico, que estuda as línguas no seu contexto geográfico. Para isso, buscamos fazer uma revisão da literatura acerca dos estudos dialetológicos no Brasil, fazendo

um recorte para o estado de Alagoas, e discutimos sobre o fenômeno da variação linguística, enfocando na variação diatópica numa perspectiva pluridimensional.

Quanto ao lócus, o Alto Sertão Alagoano, o descrevemos com base em aspectos demográficos/geográficos, climáticos, socioeconômicos, político-administrativos, étnico-raciais e linguísticos a partir de dados do IBGE e de outras fontes. Enfatizamos também a religiosidade/espiritualidade do povo sertanejo por um olhar pessoal, construído a partir da nossa vivência nesse território e dos conhecimentos empíricos adquiridos com essa vivência.

Nesse sentido, são muitas as contribuições de estudos dessa natureza, pois pode, inclusive, ser correlacionado a resultados de pesquisas finalizadas ou em andamento, como a de Barbosa-Dorion (2017), na qual embasamos boa parte de nossa pesquisa. A rede de localidades aqui estudada abarca a microrregião do Alto Sertão do território alagoano, incluindo municípios em torno da cidade de Delmiro Gouveia. Nosso trabalho, assim, contribui com a atualização de dados já apresentados pela autora e pelo próprio Atlas Linguístico noutras regiões, trazendo dados novos que podem complementar esse mapeamento e relacioná-los a outros ramos do conhecimento, a exemplo da sócio história do Sertão Nordestino e da Ciência da Religião.

As variações lexicais sobre crenças e religiosidade dizem muito a respeito de um povo, de sua cultura, de seu viver, costumes e crenças, uma vez “[...] que a história de uma língua é a história do próprio povo que fala” (PAIM, 2018, p. 42). Um grupo de falantes em comunicação e interação social numa comunidade de fala têm um modo particular de falar. A variação linguística também é frequente numa comunidade de falantes, portanto, eles fazem uso de várias formas para designar o mesmo referente, podendo se utilizarem de duas ou mais variantes que ocupam o mesmo valor de verdade, assumindo que as variantes decorrem de um processo de variação a partir de determinados lugares/posições e pertencimento a uma determinada comunidade religiosa, como é o caso da nossa pesquisa.

Para Antunes (2012, p. 46), “[...] o repertório lexical que manejamos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos a nossa identidade”. Isso fica claro, por exemplo, na discussão acerca dos tabus linguísticos no último capítulo, em que se percebe a opção consciente pelo uso de determinadas palavras em detrimento de outras na tentativa de não pronunciar determinadas variantes que, na concepção de alguns informantes, seriam amaldiçoadas ou carregadas de más energias.

Em comunidades com diversidade de orientações religiosas visitadas na pesquisa de campo, foi possível constatar a perspectiva onomasiológica, ou seja, como se dá a denominação

para um mesmo conceito, muitas das vezes se fazendo uso de sinonímia e de eufemismos para semas de natureza sagrado-religiosa. Além disso, refletiu-se sobre a variação de indivíduos de mesma comunidade de falantes (idioletos), pois “[...] em decorrência da própria ação dos sujeitos no uso da língua, os sentidos das palavras vão sofrendo ‘deslizes’, vão ‘escorregando’ para campos afins e vão ganhando novas significações” (ANTUNES, 2012, p. 35). Assim, por considerarmos, nesta pesquisa, as variantes lexicais a partir do recorte do campo de crenças e religiosidades com sujeitos que fazem parte de diferentes comunidades religiosas ou mesmo de nenhuma, entendemos que esse léxico se constitui “[...] uma memória dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais que ele expressa” (ANTUNES, 2012, p. 28).

Acerca das variantes lexicais do *corpus* desta pesquisa, levanta-se a hipótese de que tendem para o conservadorismo e mesmo o arcaísmo, ou seja, acreditamos que os informantes, por terem mais de 50 anos, devem utilizar algumas variantes que talvez não fossem mais utilizadas na sociedade contemporânea por faixas etárias mais jovens, mesmo que presentes como respostas do Questionário Semântico-Lexical do ALiB.

Por fim, destaca-se a estrutura deste trabalho, constituída por esta Introdução e por mais três seções. Na seção seguinte, de caráter teórico-metodológico, *Um panorama dos estudos geolinguísticos*, caracteriza os fenômenos da diversidade e da variação linguísticas, passando pela sua tipologia, enfatizando, pela natureza do nosso trabalho, a variação diatópica, e traçando um breve histórico sobre a área da Geolinguística/Dialetologia no Brasil e especialmente em Alagoas.

A seção 3, *Procedimentos metodológicos da pesquisa dialetal*, trata sobre nosso locus de pesquisa, o Alto Sertão Alagoano, destacando aspectos geográficos, socioeconômicos, étnico-raciais e linguísticos, enfatizando a religiosidade do povo sertanejo e descrevendo os métodos utilizados na pesquisa com base nos procedimentos postulados pela pesquisa dialetal do Projeto ALiB. Descrevemos a estratificação dos sujeitos da pesquisa, baseada em variáveis sociais como sexo e orientação religiosa, e apresentamos como os dados usados em nossa pesquisa foram coletados.

A quarta seção, *Apresentação e análise dos dados de pesquisa: o estudo dialetológico no Sertão Alagoano*, apresenta e analisa os dados selecionados embasado na metodologia dos estudos geolinguísticos, com o relato de experiência da pesquisa de campo, bem como da discussão sobre o campo das crenças e das religiosidades, focando nos tabus linguísticos como itens monitorados socialmente. A descrição e a análise dos dados trazem todas as respostas transcritas, quantificando-as em forma de gráficos, bem como analisando o conteúdo com base

na dicionarização e na comparação das respostas da nossa pesquisa com respostas presentes em outros estudos de mesma natureza, como os dados dos Atlas Linguístico do Brasil e de Alagoas.

Ao final, são tecidas considerações com a súmula dos aportes teórico-metodológicos e resultados de pesquisa, tendo, em seguida, as referências da pesquisa – sendo material básico de consulta os estudos de Antunes (2012), Calvet (2002), Câmara Jr. (1986), Costa (1996), Coelho (2010; 2012), Cardoso (1999), Cardoso et al. (2013), Barbosa-Doiron (2017), Mota e Cardoso (2006), Paim (2018), Razky e Guedes (2013), Ribeiro (2012), Oliveira-Santos (2019), Teodoro-Santos (2019), R. Santos (2019) e L. Santos (2020). Como apêndices, dispomos as fotografias comprobatórias dos inquéritos e as Fichas de Informante e de Localidade utilizadas na investigação.

2 UM PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Nesta seção de caráter teórico-metodológico, trataremos sobre o conceito de variação linguística, passando pela sua tipologia, enfatizando, de acordo com a natureza do nosso trabalho, a variação diatópica. Teceremos um breve histórico sobre essa área dos estudos linguísticos e faremos um panorama de alguns atlas linguísticos produzidos no Brasil, abordando os estudos dialetológicos no país e, especialmente, em Alagoas.

2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Um olhar desatento para a língua poderia tomá-la como algo estático e que sempre foi como conhecemos hoje. No entanto, “a língua não é, como muitos acreditam, uma entidade imutável, homogênea, que paira por sobre os falantes. Pelo contrário, todas as línguas vivas mudam no decorrer do tempo e o processo em si nunca pára” (COSTA, 1996, p. 51). Para esta autora, qualquer língua viva possui como inerente a si a variação, isto é, a diversidade sob aspectos diversos, como temporal, geográfico, situacional etc. Assim, partimos do pressuposto de que, em todas as línguas, existem diferentes formas de se dizer uma mesma coisa. Algumas, aliás, são formas mais estigmatizadas, outras mais comuns em pessoas velhas, outras em contextos de informalidade.

Quanto à variação linguística, há estreita relação entre uma língua e aspectos extralinguísticos, levando em conta fatores como condição socioeconômica, idade e sexo, circunscritos numa determinada comunidade ou região para a compreensão de como certas formas se configuram e de que modo e sob quais circunstâncias foram usadas. Quanto ao fato de que línguas não são estáticas, uniformes e homogêneas, Coelho et al. (2010) destacam que a heterogeneidade

[...] não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes. De fato, palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significado social, e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado representacional pelo qual “disputam”. As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certa forma, quem somos (COELHO et al., 2010, p. 25).

Assim, diferentes usos linguísticos perpassam o sujeito em contextos de fala por meio de práticas sociais nas quais se faz o uso da comunicação. A sociolinguística é a área de conhecimento que toma como objeto a variação linguística, que concebe a língua relacionada à sociedade a partir de práticas interconectadas.

O processo metodológico demarcado pela sociolinguística se baseia em fatores extralinguísticos, o que permite a análise de variáveis que perpassam fatores sociais relacionados à variação na/da língua. Para Costa (1996, p. 52), “toda língua é um conjunto heterogêneo e diversificado porque as sociedades humanas têm experiências históricas, sociais, culturais e políticas diferentes e essas experiências se refletirão no comportamento linguístico de seus membros”. Desse modo, a diversidade linguística está alinhada aos movimentos históricos de experiências dos sujeitos e pode-se, por ela, entender fenômenos linguísticos.

Diante disso, há um posicionamento teórico-metodológico que considera a comunidade de fala de sujeitos onde se tomam diversos usos linguísticos, dá-se possibilidades de escolha linguística. De acordo com Razky e Guedes (2013), existem fatores extralinguísticos que compõem as variantes linguísticas, como o espaço (variação diatópica); idade (variação diageracional); gênero ou sexo (variação diagenérica); classe social (variação diastrática); estilos (variação diafásica), entre outras dimensões. Para Labov (2008, p. 313) “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer 'a mesma coisa' de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.” Tomando por base Cardoso et al. (2013), destacamos alguns desses tipos de variação linguística.

A **variação diageracional** é a variação que a língua sofre dependendo da faixa etária do falante, e tem gerado muitos estudos de especialistas da linguagem. Observa-se, por exemplo, que os mais jovens sempre inovam em sua forma de falar, enquanto os mais idosos tendem a ser conservadores. Para o estudo da **variação diastrática**, leva-se em consideração diferentes níveis, seja de escolaridade ou de classe social, porque é levado em consideração o acesso à educação e, conseqüentemente, à norma padrão da língua, além da história e da cultura. Isso tem relação com a convivência, ocupação profissional, escolaridade ou classe social. A **variação diafásica**, por sua vez, tem relação com os diferentes discursos e diferentes situações de fala, determinadas por ambientes formais e informais, além da variante de prestígio. O uso da fala pode ser visto nas interações ocorridas nas práticas sociais, de acordo com cada esfera comunicativa e situação de uso em diversas práticas de linguagem. Há circunstâncias que exigem determinada formalidade e, portanto, o uso da norma padrão, enquanto outros ambientes ou ocasiões não requerem tal formalidade no uso da fala. A variação **diagenérica** diz respeito ao gênero ou sexo do falante e às diferenças observadas na fala de homens e mulheres, com estas fazendo uso de formas mais prestigiadas, liderando a inovação e o uso da norma padrão.

A compreensão de aspectos extralinguísticos – grau de escolaridade, gênero, faixa etária, profissão, entre outros – pode evidenciar o conhecimento linguístico de um sujeito ou grupo de falantes e o exame das variantes servir para destacar questões de normas, como a padrão e a não padrão.

As variantes padrão são, grosso modo, as que condizem com as prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não padrão se afastam desse modelo. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante de **prestígio**, enquanto a não padrão é muitas vezes **estigmatizada** por essa comunidade – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser **conservadoras**, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser **inovadoras** na comunidade (COELHO et al., 2010, p. 27, grifos do original).

Por isso, a diversidade, em forma e em conteúdo, é uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos, tomada em suas determinações linguísticas e não linguísticas nos estudos sociolinguísticos. Toma-se William Labov como fundador dessa disciplina, que rompe com, por exemplo, postulados que concebem uma teoria geral linguística da língua por si mesma (COELHO et al., 2012). Conhecida como Teoria da Variação e Mudança (TVM), essa disciplina pode trabalhar com resultados estatísticos, algo bastante significativo quanto à solução de problemas e reconhecimento da relação entre língua e sociedade.

Segundo Meillet (1921 apud CALVET, 2002, p. 16): “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”. Assim, a ideia de que a motivação de variação linguística é dada por fatores sociais e de que seu estudo não pode estar separado de aspectos sociais não é tão nova e até anterior à formulação da TVM (COELHO, 2010). Este evidencia que há possibilidades de sistematizar a língua falada, contemplando as variações nela existentes, tendo em vista que a diversificação linguística não impede a comunicação entre os usuários da língua, pois eles se compreendem e se entendem sem dificuldades. Tal estudo deve considerar, assim, a estrutura da sociedade como o elemento que explicaria fenômenos de variação. Segundo Labov (2008),

uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008 [1972], p. 188). Ainda de acordo com o autor, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008 [1972], p. 225).

Segundo Labov (2008), a variação ocorre quando existem duas ou mais maneiras diferentes de se referir a uma mesma coisa e que uma não exclui a outra. Inconscientemente o falante se vale de formas diversas para dizer a mesma coisa. Não deve ser confundida com a mudança linguística: a variação se dá na coocorrência/concorrência, com o mesmo estatuto de verdade, como em *bolacha* / *biscoito*; já a mudança linguística ocorre quando uma forma substitui a outra por definitivo, como, por exemplo, em *vossa mercê* > *vosmercê* > *você* > *ocê* > *cê*. É importante ressaltar que uma mudança é produto, necessariamente, de uma variação e que uma variação pode se tornar uma mudança ou não.

Dentre os tipos de variação dispostos, daremos enfoque, neste estudo, à variação diatópica, considerando a variação lexical do Português brasileiro, em específico, tema da próxima subseção.

2.2 A VARIAÇÃO DIATÓPICA E A DIALETOLOGIA

A percepção de que a língua muda a depender do lugar se dá independentemente de estudos sistemáticos, podendo ser observado no dia a dia. A inicialmente conhecida como Geografia Linguística, hoje Geolinguística, configura a área de estudos que abrange técnicas para a descrição e análise de fatos linguísticos no âmbito da variação diatópica/geográfica, voltada à observação de um determinado espaço, demarcando variantes de uma comunidade linguística ou em uma língua específica. Ela perpassa a diversidade linguística a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística e da dialetologia, com quem nos filiamos teórica e metodologicamente. Logo, reflete a variedade da língua, que não se restringe apenas ao espaço geográfico.

Câmara Jr. (1986, p. 95) assim conceitua dialeto:

Do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua vez, uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos, quando há divergência apreciável de traços linguísticos secundários entre zonas desse território.

A Dialetologia objetiva sistematizar e ordenar diferentes formas linguísticas cartograficamente (Sá, 2021) e, por meio de mapas linguísticos, podem ser vistas diferenças regionais que circunscrevem fenômenos considerados significativos para interpretações de variáveis linguísticas. Tal estudo da língua pode demonstrar diferenças na realidade social, histórica e cultural de sujeitos e de comunidades. A dialetologia é a área da Linguística que investiga os dialetos e suas variedades no espaço geográfico. Para isso, levam-se em

consideração fatores espaciais e sociais entre os falantes de uma língua, comunidade ou região. O estudo metodológico só tem ganhado forma a partir do estudo descritivo-comparativo entre o português falado no Brasil e o português falado em Portugal. O estudo do dialeto possibilita trazer informações sobre a configuração dialetal brasileira, do ponto de vista lexical. Portanto, eles podem ser divididos em subdialeto. É, portanto, uma disciplina ampla, que estuda as línguas do ponto de vista espacial. Essas vivências podem ser interpretadas a partir da visualização de cartas linguísticas que focalizam, por exemplo, aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos ou lexicais.

2.2.1 Atlas Linguísticos: produtos de estudos dialetais

Estudos geolinguísticos têm caráter histórico, perpassam o tempo e o espaço, e, no Brasil, esses trabalhos sistemáticos começam a se desenvolver na década de 1950 (CARDOSO, 1999). Como dito, uma das primeiras tentativas de materializar os processos de variação linguística no território nacional foi proposta no Decreto nº. 30.643, de 20 de março de 1952. Conforme assinala Ferreira (1995, p. 256 apud CARDOSO, 1999, p. 242), alguns anos após, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes “admitem a impraticabilidade de um atlas nacional devido à amplitude territorial do país, mas defendem a elaboração de atlas linguísticos regionais, que consideram essenciais para o conhecimento do português do Brasil”, o que foi sistematizado por Nascentes no livro *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, lançado em dois volumes (1958 e 1961).

De acordo com Cardoso (1999), Nascentes orienta que a elaboração de um Atlas Linguístico no Brasil seja feita por região, por questões de comunicação e de estradas no nosso país, especialmente em meados do século passado. Para isso, ele se espelha nos Estados Unidos, que também partiu desses questionamentos para a elaboração de seu atlas linguístico, fazendo-a por região e, mais tarde, transformando-a num único atlas linguístico geral. É o que ocorre, por exemplo, com a chegada de Nelson Rossi à Bahia, em 1955, ano de início dos trabalhos que culminam com a produção do *Atlas Prévio de Falares Baiano* (APFB), e dele surgem outros atlas, como os dispostos em nota¹. Tais pesquisas iniciadas na Bahia, conseqüentemente,

1 Após a publicação do APFB, tivemos algumas dezenas de atlas publicados no país: Atlas Linguístico da Paraíba (ALPb), de Aragão e Bezerra de Menezes (1984); Atlas Linguístico do Paraná (ALPr), de Aguilera, 1994; Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS); Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará (ALISPA); Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul; Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS); Atlas Linguístico de Sergipe II, de Cardoso, 2002; Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará (ALISPA); Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul; Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro; Atlas Linguístico

passam ao estado de Sergipe, devido à facilidade de acesso à área contínua do “falar baiano”, seguindo a divisão de Antenor Nascentes. Assim, deu-se o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), que seguiu a mesma orientação e metodologia do APFB, porém com acréscimos (CARDOSO, 1999, p. 245).

Como descrito na historiografia da área, o objetivo da elaboração do Atlas Linguístico do Brasil demorou algumas décadas até sua concretização. Estando sob coordenação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) desde 1996, o Projeto ALiB baseia-se na perspectiva da Geolinguística e leva em consideração a variação diatópica e fatores de natureza social (CARDOSO, 1999), cujos objetivos podem ser, assim, definidos:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o 1º e 2º graus, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um imenso volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (PROJETO ALiB, 1996).

de São Paulo; Atlas Linguístico do Oeste de São Paulo; Atlas Linguístico do Espírito Santo; Atlas Linguístico do Acre; Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul; Atlas Linguístico do Maranhão; Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte; Atlas Linguístico do Piauí; Atlas Linguístico do Oeste Potiguar; Atlas Linguístico do Iguatu; Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco e o Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro; Atlas Linguístico do Ceará (ALECE) e outros atlas de alcance menor que o de um estado.

Segundo Cardoso (1999), o atlas linguístico do Brasil apresenta o amadurecimento dos estudos da Geolinguística no Brasil. O primeiro atlas linguístico regional foi o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, com publicação em 1963. Já em 2014, temos o primeiro atlas nacional publicado, e assim se constitui a consolidação do objetivo do Projeto ALiB, em sua quarta fase de estudos dialetais, que marca a geolinguística brasileira. Para isso, Rossi faz o uso de um procedimento metodológico de uso científico. O uso de sua metodologia abriu caminhos para a implantação de estudos dialetais e para o desenvolvimento de publicações de outros atlas linguísticos no nosso país. Teve como autor Nelson Rossi e coautoras Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee. Contou com uma rede de 50 pontos ou localidades, distribuídas por áreas geográficas de acordo com a proposição de Nascentes, em 1953. O questionário é constituído por 179 perguntas (numeradas e desdobradas em a, b e c), feitas a partir de análises preliminares em 4 localidades do Estado da Bahia. Em relação aos informantes, obteve-se em número de 100 entre ambos os sexos e distribuídos em diferentes faixas etárias.

Esse panorama vem informar sobre os atlas linguísticos regionais, ao assinalar alguns dos atlas linguísticos publicados e em andamento. Registram-se os contínuos estudos geolinguísticos de variedades e variantes linguísticas no PB por meio de cartas linguísticas, que contemplam os usos e a funcionalidade da língua portuguesa em redes de pontos regionais.

2.3 REVISÃO DA LITERATURA: ESTUDOS DIALETOLÓGICOS NO BRASIL

Os dialetos de uma língua podem ser estudados a partir de vários traços linguísticos por meio de áreas linguísticas. Fazemos o uso da língua e da linguagem por meio da representatividade, e nisso se mostra o mundo, a partir de seu funcionamento estrutural e de ação linguística. Portanto, a língua é uma maneira de construir e significar o mundo. Os estudos sobre língua e linguagem têm sido significados e situados contextualmente, historicamente e culturalmente, além de diferentes motivos para discussões, reflexões e publicações. Pensando-se na língua enquanto sujeitos que somos, precisamos entender que pertencemos a um tempo histórico e a uma determinada cultura, e que a partir disso temos posicionamentos relacionados ao tempo, à história e à cultura, o que afeta a língua em seus diversos usos nas práticas sociais.

De acordo com Ribeiro (2012), os estudos dialetais tiveram seu primeiro marco no final do século XVIII. Portanto, antes do seu desenvolvimento aqui no Brasil, já havia um caminho que percorria a ciência dialetológica. A dialetologia, de fato, foi concebida aqui no Brasil no século XIX. As suas primeiras contribuições se deram a partir de aspectos lexicais, além de tratar das descrições entre o dialeto brasileiro em comparação com o dialeto de Portugal. Essa

comparação ganha força nos estudos dialetais por marcar o processo metodológico de nível comparativo em estudos descritivo-comparativos entre os falares de Portugal e do Brasil. “Trata-se de uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil” (CARDOSO, 1999, p. 234). Essa comparação entre línguas resultou em um grande marco para os estudos dialetológicos.

Assim, o surgimento da dialetologia no solo brasileiro tem sua caracterização como uma ciência ampla devido ao processo de descrição linguística e do método geolinguístico, a partir de estudos de dialetos de forma abrangente, sistemática e interpretativa. Além disso, seu papel é muito importante para entender o espaço demarcado pela variação diatópica e suas associações, e por levar em consideração em sua caminhada os aspectos sociais, históricos e culturais.

De acordo com a conceituação de Ferreira e Cardoso (1994, p. 12-12 apud RIBEIRO, 2012, p. 42): “dialeto é um subsistema inserido no sistema abstrato que é a própria língua” e que “para tornar mais claro o que se entende por *dialeto* sua distribuição e relação com a língua histórica [...] é oportuno rever o conceito de isoglossa”, que, segundo as autoras, é “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas”. Portanto, as isoglossas podem ser determinadas por meio de espaços em atlas geográfico em que demarca áreas e traços linguísticos que considera determinados elementos linguísticos, quais sejam: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical. Na sua configuração, podem ser visualizados e confrontados por outras dimensões, a saber, diastráticas e diafásicas, tendo como base os espaços geográficos ou diatópicos.

A partir dessas produções e perspectivas, estabeleceram-se propostas de periodização da Dialetologia no Brasil. Foram marcadas por diferentes fases, consideradas e demarcadas por vários pesquisadores, a saber, Nascentes (1952, 1953), que determina duas grandes fases: a primeira tendo se iniciado em 1826 e se estendido até 1920, e a outra de 1920 a 1952). A fase três, de Ferreira e Cardoso (1994), prossegue em complemento à proposta do primeiro autor e está situada, cronologicamente, de 1952 a 1996. Mota e Cardoso (2006) estabelecem a inserção de uma quarta fase (1996 até atualmente), conforme Ribeiro (2012).

Aprofundando-nos um pouco nessas fases, a **primeira fase** inicia-se em 1826 e se estende até 1920, quase um século. Seu início se deu com o estudo do léxico do português do Brasil a partir de dicionários, vocabulários e léxicos regionais. Essa época foi marcada por estudiosos de cunho lexicográfico e que registravam diferentes aspectos da variação regional.

Encerra-se em 1920, com a obra *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, conforme Cardoso (1999) e Ribeiro (2012).

A **segunda fase** inicia-se em 1920, com a publicação de *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, e se estende até 1952, ano da publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que teve grande contribuição para os estudos monográficos em meio à descrição de falares regionais a partir do desenvolvimento da Geolinguística no país. Nesse período, aparecem léxicos e glossários regionais, obras de caráter geral que analisam questões em perspectivas amplas e globalizantes, estudos de caráter regional, abordando aspectos de uma área geográfica de uma dada região e estudos específicos sobre a contribuição africana.

Além do trabalho de Amadeu Amaral, há os de Antenor Nascentes (*O linguajar carioca*, 1922) e de Mário Marroquim (*A língua do Nordeste*, 1934), *A linguagem dos cantadores*, 1933, de Clóvis Monteiro; *O falar mineiro*, 1938, os *Estudos de dialetologia portuguesa*, entre outras obras que enfatizam aspectos da realidade linguística brasileira (CARDOSO, 1999). Há também obras de caráter mais geral de forma ampla e globalizante, como *O português do Brasil*, em 1937, de Renato Mendonça; *O problema da língua brasileira*, em 1940, de Sílvio Elia; *A língua do Brasil*, em 1946, de Gladstone Chaves de Melo; *Diferenciação e unificação do português do Brasil* e *Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil*, publicados em 1946 e, posteriormente, em 1950, reunidos na *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* (CARDOSO, 1999, p. 239).

A **terceira fase** inicia-se em 1952 com a publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, e se encerra em 1996. Portanto, registra-se a publicação do Decreto tendo como propósito a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil por meio da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que assim constituiu seu papel principal, ou seja, a tarefa de elaboração do atlas linguístico, que se deu a partir da definição do governo brasileiro por meio do decreto. Segundo Ferreira e Cardoso (1994 apud RIBEIRO, 2012), essa fase é atribuída aos interesses de estudos de geografia linguística no Brasil, devido à elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Depois dessa publicação, fortalece-se o campo de estudo da dialetologia e da caminhada na elaboração de um atlas linguístico na época.

Em 1996, realiza-se o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Bahia, e nele foi exposto o lançamento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), constituindo-se ali o Comitê Nacional. O Projeto ALiB tem sido responsável pela elaboração, operacionalização e desenvolvimento de pesquisas dialetais no país, cujas diretrizes têm sido adotadas por dialetólogos e autores de atlas linguísticos de diversas universidades, dentre as quais da Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Pará,

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Paraná e UEL. E assim se inicia a **quarta fase** em 1996, a qual se estende até o momento atual, com grande interesse no desenvolvimento de atlas linguísticos. Segundo Mota e Cardoso (2006, p. 23),

A nova fase da geolinguística se faz notar, ainda: a) pela ampliação do campo de estudo que não se restringe mais aos dados fonético-fonológicos e léxico-semânticos, como, em geral, nos atlas tradicionais, incorporando dados morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos, etc., tal como previsto na metodologia do ALiB e em alguns projetos em andamento; b) pela própria apresentação dos dados que nos atlas atuais, ditos de 2ª e 3ª gerações, se fazem acompanhar de comentários linguísticos e de CDs [...].

Mota e Cardoso (2006) atestam que houve grandes mudanças do ponto de vista metodológico, por causa da inclusão de áreas como fonética, fonologia e morfologia ao já tradicional nível lexical, e concluem: “Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século XX, abandonando-se a visão monodimensional [...] que predominou na geolinguística hoje rotulada de ‘tradicional’” (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 21). Nessa época, os atlas deixam de ser apenas monodimensionais, ampliando-se para outras dimensões, o que resultou em uma Geolinguística Pluridimensional.

O empreendimento do Projeto ALiB, sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), persiste e retoma o sonho antigo dos estudos de dialetologia presente no nosso país desde a década de 1950, década do Decreto de número 30.643, de 20 de março de 1952, pela Portaria 536 em 26 de maio do mesmo ano e que emitiu permissão para elaboração de um atlas linguístico no Brasil, determinado pelo governo. Tal iniciativa foi importante para pensar nas demandas linguísticas e nos reais problemas e dificuldades apresentadas por um país com tanta precariedade e vasto em dimensão territorial.

Nascentes propõe uma divisão dialetal do Brasil em áreas regionais em meio aos espaços geográficos. Atualmente, essa divisão linguística pode ser vista em diversos trabalhos monográficos, teses, dissertações, além também de apresentações e publicações pela equipe do Projeto ALiB. Diante disso, vários estudos tomam essa base de divisão dialetal de Nascentes, que tende a se aproximar ou se afastar da realidade proposta por Nascentes em sua divisão dialetal. Essa divisão tem o domínio de dois grupos denominados de falares do Norte e do Sul, e que se subdividem em seis subfalares, quais sejam, Amazônico, Nordeste, Baiano, Mineiro,

Fluminense, Sulista e um território denominado de Incaracterístico. Essa nova divisão dada no mapa por Nascentes não é considerada por ele próxima da realidade e nem definitiva.

[...] O que caracteriza estes dois grupos é a cadência e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios terminados em – mente. Basta uma singela frase, ou mesmo uma simples palavra, para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos (NASCENTES, 1955, p. 217 apud SANTOS, 2020, p. 6).

Focaremos a seguir nos estudos de âmbito estadual, como forma de perceber mais detalhadamente o espaço de Alagoas nessa revisão de literatura.

2.3.1 Os estudos dialetológicos em Alagoas

Mário Marroquim, em *A Língua do Nordeste*, publicada em 1934, buscou descrever o dialeto de Alagoas e de Pernambuco. Como afirma Cardoso (1999), constitui uma das importantes obras da dialetologia da primeira metade do século XX. Marroquim tem seu estudo voltado para várias áreas linguísticas, quais sejam, a fonologia, a fonética, a morfologia, a sintaxe e o léxico e ainda hoje tem contribuído como material de fundamentação para futuras gerações.

A proposta de Nascentes, que se circunscreve em duas divisões dialetais que demarcam o nosso país em falares do Norte e do Sul e dos quais se descrevem subfalares, a saber, respectivamente, nordestino e amazônico; sulista, mineiro, fluminense, baiano e a área territorial indefinida, permite verificar o contexto dialetal do estado de Alagoas em relação ao Brasil, alocado no subfalar nordestino, conforme a divisão dialetal de Nascentes, em 1953. Além desse, temos Paulino Santiago (1977), com *Dinâmica de uma Linguagem: o falar de Alagoas*. Desde então, além de diversas teses e dissertações com recortes espaciotemporais, há a tese de Dorion, o *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas – ALEAL*, constituído de dois volumes. Nele, 21 municípios de Alagoas e a capital Maceió foram a rede de pontos elaborada por Nascentes (1953).

Em relação aos informantes da pesquisa, o ALEAL definiu dois de sexo oposto e designados por localidade. Quanto à escolaridade, de séries iniciais ou finais do ensino fundamental. Já a questão da faixa etária variável em demanda da dimensão geracional. O primeiro volume trata de procedimentos metodológicos e de fundamentação da Geolinguística pela dimensão pluridimensional, que abrange certas áreas do campo semântico de domínio do Projeto ALiB, quais sejam, questionário semântico-lexical, questionário morfossintático e

algumas perguntas metalinguísticas, conforme dados da tese de Barbosa Doiron (2017). Além disso, tem como objetivo a análise de motivação lexical, de uso pelo informante, no intuito de entender o motivo da origem dada ao uso de determinada palavra, e o que levou a denominar o nome (sentido) dado a determinada variante lexical, sendo esse um dos objetivos de estudo do ALEAL.

O segundo volume trata da descrição de cartas linguísticas estruturadas em áreas da linguística, a saber, fonética/fonologia, morfossintaxe e semântica/léxico. De acordo com o projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, podemos também analisar e verificar tais campos semânticos, até porque foram realizados diversos trabalhos dessa natureza. Além disso, fornece dados linguísticos por meio de cartas linguísticas. Isso é possível devido ao recolhimento de dados e escolha de itens a serem investigados. Em seguida, segue-se com análise dos dados e lançamento dos dados em determinado programa para elaboração das cartas linguísticas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DIALETAL

Nesta seção de caráter teórico-metodológico, trataremos sobre nosso lócus de pesquisa, o Alto Sertão Alagoano, destacando seus aspectos geográficos, climáticos, socioeconômicos, étnico-raciais e linguísticos, enfatizando, de acordo com a natureza do nosso trabalho, a religiosidade do povo sertanejo e adentrando brevemente a problemática da intolerância religiosa que resulta da hierarquização das vertentes religiosas presentes nesse espaço. Descreveremos os métodos utilizados na pesquisa com base em uma pesquisa dialetal produzida pelo ALiB, abordando os critérios metodológicos para uma pesquisa de formato dialetal, definindo os sujeitos da pesquisa e os critérios para sua escolha, além de apresentarmos a forma como os dados usados em nossa pesquisa serão coletados: através de um modelo de questionário elaborado pelo ALiB. Assim, descreveremos o questionário, delimitando nosso campo semântico-lexical, o campo das crenças e religiosidades.

3.1 LÓCUS DA PESQUISA

Figura 1 – Localização geográfica do Alto Sertão Alagoano do Estado de Alagoas



Fonte: SEADES (2022).

O Alto Sertão Alagoano, fica localizado em duas Microrregiões: Serrana do Sertão Alagoano, com os municípios de Água Branca, Canapi, Inhapi, Mata Grande e Pariconha, e a

Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco, com os municípios de Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado e Piranhas – estes três últimos banhados pelo Rio São Francisco. Portanto, a região do Alto Sertão é composta por oito municípios, ocupando uma extensão territorial de 3.972,685 km², que corresponde aos dados de cada área territorial do ano de 2021. Ele pertence a uma das quatro regiões naturais do Estado de Alagoas, portanto, fica no Oeste do Estado, além de ser contemplado com uma pequena faixa semiárida e com uma vegetação do bioma caatinga.

Segundo o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², o Sertão Alagoano possui 169.119 habitantes, sendo que 91.241 residem na zona rural, considerando aí uma margem bem maior do que o espaço urbano. Sua densidade demográfica, dentre os oito municípios, é de 348.92 habitantes por quilômetro quadrado (hab/km²), além de contar com uma estimativa de 179.454 pessoas para o ano de 2021.

A região conta com um IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) inferior ao do Brasil, com o maior (0,612) no município de Delmiro Gouveia, ficando à frente de todos os outros municípios, com Inhapi em última posição (0,484) em relação ao IDH nacional, que é 0,755. No que tange à educação, conforme o IBGE (2010), a população residente do Alto Sertão que nunca frequentou escola é 30.313 pessoas.

Em relação ao IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do Sertão Alagoano, dentre os municípios, o primeiro maior é de 5,9 em Canapi, ficando à frente de todos os outros municípios, com Olho d'Água do Casado em última posição (4,5), em relação aos anos iniciais. Já nos anos finais, o maior é de 4,9, em Piranhas, com Olho d'Água do Casado também em última posição, 3,1. Assim, o município de Canapi ocupa a primeira posição da região e, no Estado, a décima em relação aos anos iniciais, e nos anos finais Piranhas ocupa a primeira posição na região e, no Estado, a décima quinta (IBGE, 2019).

Em relação ao clima, a classificação do Sertão Alagoano está contida em três tipos climáticos, quais sejam, árido (minúscula parte de Mata Grande), semiárido (dentro dos oito municípios) e subúmido seco (nas áreas territoriais de Água Branca, Canapi, Inhapi, Mata Grande, e Pariconha). Dentre essas áreas, a maior ocupação está para as cidades de Mata Grande e Água Branca em extensão subúmido seco, conforme observamos no mapa.

2 A maioria dos dados citados neste tópico foram retirados do Censo do IBGE (2010).

Figura 2 – Mapeamento do Clima do Alto Sertão Alagoano



Fonte: Alagoas em Dados e Informações (2021).

O clima, quente e úmido em quase todo o Sertão Alagoano, apresenta falta de chuva ou estiagem, solo pedregoso e vegetação escassa (caatinga), denominando-se o clima semiárido, que é caracterizado pela baixa umidade e pouco volume pluviométrico. Devido à pouca quantidade de chuva oferecida, o solo precisa de mais água. Sendo um fenômeno da região, não se pode combatê-lo, mas pode-se conviver com ela através de meios que potencializem o beneficiamento da vida humana, o seu crescimento econômico e a diversificação de agricultura. Portanto, o sertão se caracteriza pela irregularidade das chuvas e pela alta evaporação em relação ao volume de precipitação, o que reflete no ambiente do semiárido/sertão, como destaca Teodoro-Santos (2019, p. 37-38), propiciando o(a)s sertanejos(a)s ao êxodo rural por questões climáticas, econômicas e sociais. Os movimentos de migração inter-regionais, especialmente para as regiões Sudeste/Sul, geralmente motivados pela falta de emprego podem ter implicações dialetais, podendo ocorrer influências sobre os usos linguísticos dos falantes.

O clima quente e úmido tem grande variação dentre os municípios do Alto Sertão Alagoano. Essa demonstração pode ser observada nos dias do Festival de Inverno de Água Branca devido à forte baixa na temperatura. Nesse sentido, o inverno no sertão chega com uma temperatura bem amena, como bem propõe a manchete “Inverno traz baixas temperaturas e charme ao município sertanejo de Água Branca”, no site 7 Segundos, em 24 de setembro de 2021. De acordo com a reportagem, “[...] a temperatura baixa um pouco nessa época do ano e

o friozinho bate forte durante o mês de julho, principalmente nas primeiras horas do dia e ao entardecer” (7 SEGUNDOS, 2021).

A respeito da economia do Alto Sertão Alagoano, a região recebe verbas públicas, definidas na constituição e nas leis infraconstitucionais para o seguimento de investimentos e despesas nos setores municipais. Esses recursos se destinam à infraestrutura (arborização e urbanização de vias públicas e esgotamento sanitário), educação, saúde, cultura e turismo, entre outros. Além disso, há outras fontes que fortalecem a economia local que vêm do setor primário, como a agricultura, a agropecuária e o comércio, além da potencialidade do turismo por algumas cidades do Alto Sertão Alagoano, sobretudo na costa litorânea, e cujos dividendos são importantes para a economia de Alagoas.

Diante disso, o Alto Sertão possui grande potencial para a construção de atividades ligadas à zona rural, com grandes áreas propícias à produção agropecuária, sendo a mais importante no Sertão. Na produção agrícola de 2020, há uma diversidade de culturas, entre permanentes e temporárias. Dentre as culturas permanentes, as que mais se destacam são: manga, goiaba, banana, mamão e caju. Já dentre as temporárias, as que mais se destacam são: feijão, milho, melancia, tomate, mandioca e cana-de-açúcar.

Por outro lado, em consequência de períodos de incertezas políticas, percebe-se a carência de investimentos em infraestruturas frente à melhoria da agricultura irrigada sustentável e a falta de grandes ações estratégicas integradas para o progresso da região do semiárido por quase todas as cidades da região do Alto Sertão.

No setor pecuário do Alto Sertão Alagoano, a criação de bovinos é a maior e a mais importante dentre toda a economia das cidades, além da criação de caprinos, equinos, galináceos, ovinos, suínos e também a produção de mel de abelha. Além disso, metade das cidades do Alto Sertão Alagoano trabalha com aquicultura.

Em termos linguísticos, todos da região do Alto Sertão Alagoano falam português, mesmo com tanta diversidade étnico-racial. Diante disso, somos contemplados com diversas comunidades: comunidade quilombola, aldeia indígena, zona pesqueira, zona urbana e zona rural. Dentre estas, temos Delmiro Gouveia, que é caracterizada como cidade polo perante as outras cidades, que são Água Branca, Canapi, Inhapi, Mata Grande, Olho d'Água do Casado, Pariconha e Piranhas. Ao mesmo tempo, Delmiro Gouveia tem Paulo Afonso como divisa e como cidade polo, devido ao dobro de habitantes. Além disso, o município de Delmiro exerce grande influência nas demais cidades da região. Assim, temos povos distintos convivendo em diversas comunidades de etnias distintas, pois a língua é a mesma, o português brasileiro.

No que diz respeito aos aspectos étnico-raciais do Alto Sertão Alagoano, a tabela abaixo, embora baseada em dados do Censo de 2010 do IBGE, pode nos dar uma ideia da diversidade racial e étnica presente nessa região.

Quadro 1 – Distribuição étnico-racial por municípios do Alto Sertão Alagoano

MUNICÍPIOS	COR E RAÇA				
	AMARELA	BRANCA	INDÍGENA	PARDA	PRETA
Água Branca	153	3.460	271	13.843	1.650
Canapi	167	5.422		11.048	614
Delmiro Gouveia	274	12.518	114	32.408	2.782
Inhapi	441	4.167	373	12.108	809
Mata Grande	120	6.276	132	17.027	1.143
Olho d'Água do Casado	26	1.920	4	6.313	228
Pariconha	89	1.621	3.223	4.989	342
Piranhas	230	4.998	47	16.469	1.302
TOTAL	1.500	40.382	4.164	114.205	8.870

Fonte: Elaborada pela autora, com base em dados do IBGE (2010).

Tratando-se do termo étnico-raciais, a partir de um retrato da população sertaneja que compreende seus/suas residentes de cor ou raça que são: amarela (1.500), branca (40.382), indígena (4.164), parda (114.205) e preta (8.870), o Sertão Alagoano é constituído dessa miscigenação, dessa multiculturalidade que consiste nessa mistura de povos e de diferentes etnias que constituem uma população rica e diversa nessa região. No entanto, essa descendência, que vem desde o período colonial, é marcada por diferenças vistas de modo negativo e que levam ao preconceito e à intolerância religiosa, conforme discutiremos no próximo tópico.

Diante do resultado quantificado na tabela, feito com base na autoidentificação das pessoas, dentre as categorias, a que mais se destaca é a parda, seguida pela branca, preta, indígena e amarela. Isso demonstra a consciência do povo sertanejo sobre sua própria raça e etnia.

Além de toda essa heterogeneidade étnico-racial, a região do Alto Sertão Alagoano também é marcada por uma diversidade de religiões, como mostra a tabela.

Quadro 2 – Distribuição das religiões por município do Alto Sertão Alagoano

MUNICÍPIO/ RELIGIÃO	Sem religião	Católica Romana	Católica Brasileira	Evangélica	Espírita	Testemunha de Jeová	Candomblé	Não pertencimento	Não sabe	Outras religiosidades
Água Branca	387	18.344		627	5					14
Canapi	544	15.024	616	966	5	40				55
Delmiro Gouveia	3.015	39.146		5.424	208	31			70	92
Inhapi	464	16.521	21	812	5	19	4	11		45
Mata Grande	604	22.964		1.119						X
Olho D'água do Casado	263	7.869		329	9	20				
Pariconha	243	9.615		327						36 ³
Piranhas	959	20.530		1.185	89	220		37		26
TOTAL	6.479	150.013	637	10.789	321	341	4	48	70	227

Fonte: Elaborado pela autora, com base em dados do IBGE (2010).

Com base nos dados do IBGE (2010), percebe-se que a religião católica apostólica romana é a religiosidade predominante dentre todos os municípios no Alto Sertão, portanto, o cristianismo vem em primeira ordem de quantificação de religiosos, em segundo declaram-se os evangélicos.

Dentre os municípios investigados em nossa pesquisa no Alto Sertão Alagoano, conforme o IBGE (2010), destacamos a presença dos templos religiosos das religiões Católica Apostólica Romana, Evangélica e Espírita, entre outras religiosidades cristãs no município de Água Branca; em Canapi, compreende-se uma população religiosa com templos das religiões Católica Apostólica Romana, Católica Apostólica Brasileira, Evangélica, Testemunha de Jeová e Espírita, entre outras religiosidades cristãs; no município de Delmiro Gouveia compreende-se uma população religiosa com templos das religiões Católica Apostólica Romana, Católica

³ Dentro desse quantitativo, englobam-se 11 pessoas autodeclaradas de tradição indígena, visto que há, no território de Pariconha, três etnias indígenas: Katokinn, Karuazu e Geripancó.

Ortodoxa, Evangélica, Espírita, Testemunhas de Jeová e Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Igreja do Véu, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Adventista do Sétimo Dia, entre outras religiosidades cristãs; em Inhapi, compreende-se templos das religiões Católica Apostólica Romana, Católica Apostólica brasileira, Católica ortodoxa, Evangélica, Testemunha de Jeová, Espírita, Umbanda e Candomblé; em Mata Grande, compreende-se uma população religiosa, com as religiões Católica Apostólica Romana, Evangélica, entre outras; em Olho d'Água do Casado, compreende-se uma população residente religiosa Católica Apostólica Romana, Espírita, Evangélica e Testemunha de Jeová; no município de Pariconha compreende-se uma população religiosa Católica Apostólica Romana, Evangélica, Testemunhas de Jeová e Tradições Indígenas, entre outras religiosidades cristãs; e em Piranhas, compreende-se uma população religiosa Católica Apostólica Romana, Espírita, Evangélica, Testemunhas de Jeová, entre outras religiosidades cristãs.

3.1.1 Religiosidade do povo sertanejo

O fenômeno da religiosidade no sertão é algo que se pode observar corriqueiramente, no dia a dia. A fé do sertanejo-religioso, em servir ao seu Deus é marcante, tornando lugares de peregrinação cada vez mais constantes na história do sertanejo e da comunidade sertaneja em devoção às pregações religiosas, historicamente marcadas no espaço sagrado em que se realiza o contato do peregrino com o seu Deus. Nesse espaço sagrado – a igreja – é processada a fé espiritual.

Segundo Benatte (2014, p. 65 apud DILLMANN, 2018, p. 223), entende-se por religião “um sistema mais ou menos aberto de crenças e práticas transmitidas historicamente [...] e que orientam comportamentos, ações e relações de indivíduos e coletividades”, compondo, assim, “estilos de vida, modos de pensar, sentir e agir, de conceber a vida, o mundo, a morte e o além”. Diante dessa abordagem cultural da história, a presença da fé é um dos aspectos revigorantes do povo sertanejo, povo de resistência e povo de fé. A vida no templo religioso popular é constituída por atividades práticas diante do sagrado, marcada por uma grande devoção dos fiéis e por uma profunda religiosidade em seus diversos aspectos.

Nesses aspectos, os devotos em suas devoções entregam pedidos, fazem promessas e agradecem aos milagres recebidos e aos que ainda estão por vir. Toda essa devoção leva ao espaço de religiosidade popular que representa, como afirma Rosendahl (2003, p. 215 apud SANTOS, 2019, p. 53), “um lugar, um itinerário que, por razões religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Isso está bem representado na convivência árdua com a paisagem da seca e do clima semiárido e na mulher sertaneja, que marca a presença forte da fé religiosa e também a história da fé do sertão alagoano. É ela quem aparece na obra *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, na personagem de Sinhá Vitória, sertaneja, mãe de família que foge com os seus da tão temida seca.

É nesse contexto, cercado por expressões da religiosidade popular e crenças, que o povo sertanejo tem a certeza da realização de curas e milagres. Como afirma a mestre Santos (2019, p. 52), “[...] quando essa região é acometida por grandes períodos de estiagem são a eles que os devotos, mulheres e homens rezadores recorrem em suas promessas e clamores, como intercessores ou responsáveis diretos nos processos de tratamento e cura.” Essa devoção aos santos populares pela intercessão, devido à estiagem, pede chuva para abrandar a terra e nela produzir e viver com fartura.

Vale ressaltar que, pela dificuldade de acesso aos centros urbanos, muitos devotos decidem frequentar o único templo existente em determinadas comunidades, mesmo que ele seja de outra prática religiosa, por exemplo, a protestante ou católica. Diante disso, agentes de templos religiosos investem na construção desses templos para facilitar a peregrinação, tendo em vista a construção de igrejas em diversos bairros e povoados. No entanto, há uma concentração maior de igrejas (crenças e práticas religiosas/espirituais) nos centros urbanos do que nas zonas rurais. Segundo Hoefle (1995), vale ressaltar que a igreja protestante demarca dois mundos, o mundo profano e o mundo do culto religioso, além de sua pregação ser somente dentro da igreja. Já na católica, atividades religiosas podem ser feitas fora do espaço da Igreja.

A predominância das igrejas protestantes e católicas nos espaços sertanejos denota que tais espaços não foram feitos para atender outras religiosidades, no caso, as de matriz africana e as de fé indígena, tendo em vista, também, a difusão amplamente desigual dessas religiões para o público por meio de diversos meios, como rádio, TV, centros urbanos, eventos públicos, etc. Isso demarca uma hierarquia religiosa, que leva a inferir certo tipo de preconceito frente a uma minoria religiosa excluída da sociedade. Isso se deve à influência, na sociedade, de uma grande maioria de religiões de domínio cristão e que são as mais consideradas pelas mídias, eventos públicos, festividades e outros meios, além de suas instalações imponentes serem vistas em vários lugares dos grandes centros urbanos. Por outro lado, uma minoria de crença religiosa não é vista e muito menos ouvida nesses espaços.

Diante disso, a religião cumpre um papel muito importante na vida do povo sertanejo, ao professar sua fé. Essa ligação entre o mundo profano e o mundo sagrado, nessa compreensão diante da realidade, nos faz perceber que cada ser humano tem um modo de pensar, agir e ver

o mundo de acordo com aquilo em que acredita. A religiosidade tem um papel importante na vida de muitas pessoas.

Desde das antigas civilizações, percebe-se o culto ao sobrenatural como algo muito importante, mostrando que o espírito de religiosidade acompanha o homem desde os primórdios. Cada povo tem sua cultura própria, tem o culto ao sobrenatural como motivo de estabilidade social e de obediência às normas sociais. As religiões, as liturgias variam, mas o aspecto religioso é bem evidente. O homem procura algo sobrenatural que lhe transmita paz de espírito e segurança; A religião sempre desempenha função social indispensável (OLIVEIRA 1995, p. 117 apud SOUZA; FICAGNA, 2016, p. 60).

Essa citação denuncia que há uma diversidade de religião/religiosos, desde as antigas civilizações, além de ressaltar a forte evidência religiosa e sentimentos por ela provocados. Diante disso, pela grande extensão de comunidades religiosas cristãs, sobretudo no perímetro urbano, nos questionamos quanto às outras comunidades religiosas presentes nesses espaços. Muitas delas ficam bem afastadas do grande centro, como, por exemplo, os terreiros de religiões de matriz africana e indígenas.

Isso resulta da predominância das religiões de orientação cristã, que tendem a influenciar os meios de comunicação e, conseqüentemente, os espaços de dominação e determinadas esferas da sociedade, além de evidenciar que “[o preconceito] é uma atitude hostil ou preventiva a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, supondo-se, portanto, que possui as características contestáveis atribuídas a esse grupo” (ALLPORT, 1954, p. 22 apud SOUZA; FICAGNA, 2016, p. 54), de modo que isso pode causar intolerância religiosa, o que constitui uma realidade presente em nossa sociedade.

Diante desses espaços de religiosidades cristã, perguntamos onde estão as demais que vêm desde as antigas civilizações, dentre as quais estão as religiões de matriz africana e indígenas, que se encontram afastadas dos grandes centros urbanos.

Essas minorias de orientação religiosa se tornam mais evidentes nesses tempos em que se discute mais a liberdade de expressão religiosa, embora a intolerância religiosa ainda seja bem perceptível na sociedade. Essas religiosidades não amplamente reconhecidas, como as manifestações de fé religiosa de matriz africana entre a Umbanda e o Batuque (nome dado ao Candomblé ou culto aos orixás) (TAVARES; RIPE, 2012), são destacadas segundo IBGE (2010), no município de Inhapi, porém aqui em Delmiro Gouveia elas também existem. No entanto, os espaços sertanejos não dão voz a essas religiões/religiosidades de matriz africana e indígena. Isso constitui um reflexo da colonização, que subjugou os povos indígenas e o povo

negro escravizado, então, a fé cristã, que é predominante, é predominante justamente porque o poder branco é o que está no topo da pirâmide da sociedade.

Diante desses diversos aspectos que caracteriza a dinamicidade e a fé dessas religiosidades e, conseqüentemente, tenta alcançar o espírito em profundidade, dando visibilidade a aspectos de minorias religiosas de seus antepassados e de sua cultura, vale ressaltar que a falta de reflexão e experiência se torna base construtora do preconceito, pois “o preconceituoso se julga superior ao seu objeto, corresponde à impotência que sente para lidar com os sofrimentos provenientes da realidade” (CROCHIK, 2006, p. 16 apud SOUZA; FICAGNA, 2016, p. 56). Portanto, isso implica no modo como o sujeito vê o mundo a partir de suas crenças e trajetória de vida, afetando seus sentimentos e sua sensibilidade.

Por fim, essas religiões minoritárias sofrem muito mais intolerância religiosa do que quaisquer outras. Isso pode estar relacionado também ao racismo e à falta de conhecimento e informação sobre essas diferentes religiosidades, com a tendência a demonizá-las. Essa intolerância religiosa existe devido à falta de espaços para essas outras religiões, principalmente as de matriz africana. Por isso, entende-se que é preciso respeitar as diferenças, e, para que essa falha seja sanada, precisamos enfrentá-la, lutando pelo convívio pacífico das várias religiões, crenças e culturas na sociedade, onde “todos são iguais perante a lei”, no sentido de que todos temos os mesmos direitos e deveres, como emana a Constituição Federal de 1988.

3.2 SUJEITOS DE PESQUISA

Neste tópico, apresentaremos os sujeitos da pesquisa que compõem a amostragem. Selecionamos a amostra de acordo com os princípios da Teoria da Amostragem (GIL, 2008), enfocando na população do Alto Sertão Alagoano, que possui 169.121 habitantes (IBGE, 2010). Integram a amostra 24 informantes naturais das 8 localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB. Os informantes atendem aos critérios adotados pelo ALiB.

Dessa população, definimos uma amostragem de 24 pessoas, de acordo com alguns critérios: serem nativos da localidade onde vivem; terem 50 anos ou mais; podem ser analfabetos ou ter formação no ensino fundamental completo ou incompleto. Além disso, definimos as variáveis sociais – sexo e orientação religiosa – para a composição da amostragem. As religiões definidas foram o catolicismo, o protestantismo, o espiritismo, as religiões de matriz africana e as indígenas. Consideramos também pessoas não religiosas/ateias em nossa amostragem. Para cada religião, definimos quatro informantes – dois homens e duas mulheres que são determinados por letras do sistema alfabético –, conforme o quadro abaixo.

Quadro 3 – Distribuição dos informantes: variáveis sociais

RELIGIÃO/SEXO	HOMEM 1	HOMEM 2	MULHER 1	MULHER 2
CATÓLICA	A	B	C	D
PROTESTANTE	E	F	G	H
ESPÍRITA	I	J	K	L
MATRIZ AFRICANA	M	N	O	P
ALDEIA INDÍGENA	Q	R	S	T
NÃO RELIGIOSA/ATEIA	U	V	W	X

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Para essa pesquisa, é necessário fazer escolhas dentre os religiosos, conforme quadro acima, e que estejam dentro dos critérios propostos pela integração da amostra, além dos critérios propostos pelo projeto ALiB.

Prosseguindo com a diatopia, ou espaço geográfico, que parte da presença da lexia da linguagem, ou seja, vocábulos usados nas práticas sociais em determinados pontos e que neles foram registrados, logo registra-se a variação diatópica. É a partir disso que surgem as variantes lexicais, que podem ser caracterizadas com baixa frequência em localidades que não a sua área de atuação, ou seja, esse distanciamento é provocado nos espaços de predominância do dialeto.

Em termos de idade, é uma forma de registrar os vocábulos mais antigos que sobrevivem no tempo e no espaço através do conhecimento de palavras ligadas às religiosidades e às crenças, a partir de diversas religiões inseridas na região do Alto Sertão Alagoano. Acreditamos que pessoas mais velhas tendem a ser mais conservadoras em relação à língua e podem mencionar/usar palavras que provavelmente já estejam caindo em desuso, além de um vasto repertório, em uso de fórmulas mais antigas. Nesse sentido, embora em nosso trabalho não tenhamos o objetivo de analisar e comparar linguisticamente duas faixas etárias, temos consciência de que “[...] a linguagem de indivíduos pode apresentar marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária e como a utilização do léxico se revela indicativo do grupo etário a que se vincula o falante” (PAIM, 2014, p. 1).

Nesse sentido, a língua segue um contínuo. Conforme Calvet (2002, p. 111), há

[...] três parâmetros: um parâmetro social, um parâmetro geográfico e um parâmetro histórico, e a língua conhece variações nesses três eixos: variações diastráticas (correlatas aos grupos sociais), variações diatópicas (correlatas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatas às faixas etárias).

Diante disso, os dados que coletaremos serão as respostas configuradas em vocábulos/palavras, nascidos de um determinado contexto e dentro de uma determinada esfera social por meio de práticas linguísticas significativas.

Acerca dos sujeitos de pesquisa, eles fazem parte da região do Alto Sertão, que englobam a zona urbana e a zona rural, sendo quatro pessoas por religião, dois homens e duas mulheres, na faixa etária dos 50 anos ou mais. Acreditamos que habitantes da zona se encaixem melhor nos critérios que definimos e se tornem informantes ideais, uma vez que têm sua vida praticamente enraizada nesse espaço, no qual mantêm certo distanciamento dos centros urbanos.

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados será realizada por meio de um dos questionários do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, que constitui de Comitê Nacional, tendo o domínio de criação, estudos e elaboração ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil, cujo projeto apresenta questões linguísticas denominadas de Questionários do ano de 2001, de caráter nacional, e que abrange diversos aspectos linguísticos. Tais aspectos têm a função de descrever a realidade na perspectiva da Geolinguística de modo uniforme, pelo seu rigor metodológico e científico. Assim, oferece a diversos estudiosos e pesquisadores da língua uma contribuição significativa para permitir um aprimoramento do ensino-aprendizagem e da interpretação dos multidialetos, dentre outras possíveis contribuições.

Diante disso, precisamos de uma compreensão clara sobre o questionário em seus diversos aspectos. Conforme Gil (2008, p. 121), inicialmente, para conseguirmos entender a sua conceituação: “[...] questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.” Essa técnica usada busca investigar diversas questões a partir de realidades e naturezas diversas, para assim evidenciar um problema e analisar, interpretar e compreender toda a sua funcionalidade.

Diante dessa técnica, poderemos refletir realidades, dentro das crenças e religiosidades, em que a linguagem consegue ocupar diferentes lugares envolvendo uma variedade de dialetos, e tornando o mundo compreensível. Ainda conforme o autor, a utilização do questionário “[...] proporciona resultados bastante críticos em relação à objetividade, pois os itens podem ter significado diferente para cada sujeito pesquisado” (GIL, 2008, p. 122), além das razões e

atitudes utilizadas, a razões conscientes de crenças, sentimentos, orientações ou comportamentos. Por conseguinte, “[...] há que se considerar que as respostas obtidas referem-se apenas a uma dimensão desses ‘porquês’: a dimensão consciente” (GIL, 2008, p. 126). Portanto, todo o processo de desenvolvimento do questionário é voltado para um instrumento chamado de coleta de dados.

Seguindo com o questionário, sua aplicação nos ofertará respostas em diversos objetos e dentre eles algumas serão de maior predominância, isso decorre devido a situações específicas, além de permitir contribuir para os estudos da língua portuguesa no Brasil com um conhecimento de questões práticas e comunicativas diversificadas e que apresentam diversas normas de uso, que se circunscrevem dentro de uma unidade sistêmica.

No que se refere à rede de pontos, foram selecionadas 8 localidades no Alto Sertão Alagoano, cada uma delas constará de uma enumeração de ordem por pesquisa de campo, levando em consideração aspectos demográficos, culturais, históricos e localidade. Seguiremos os pontos sugeridos por Nascentes, porém há outros que não constam na sua definição clássica. Na subdivisão de Nascentes (1955 apud SANTOS, 2020), o Alto Sertão Alagoano pertence ao subfalar nordestino.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, ficou fixado o número de vinte e quatro informantes dentre os municípios no Sertão Alagoano, de uma única faixa etária – a partir de 50 anos ou mais – e dos dois sexos (masculino e feminino). Quanto à escolaridade, podem ser analfabetos ou até mesmo não ter concluído o ensino fundamental de anos finais, e que tenham origem no contexto social local, isto é, sejam nativos da localidade, além de serem filhos de pais da região linguística em estudo, exceto para as cidades novas.

Diante desses processos metodológicos, iniciaremos com o material de coleta de dados, que constam de duas fichas: ficha da localidade e ficha do informante, além do questionário da área semântico-lexical contendo oito questões em forma de pergunta e uma para completar. Vale ressaltar que todo esse material é do domínio do Projeto ALiB. Tal coleta de dados será feita por meio de gravações, através da comunicação oral, ou seja, a partir do diálogo entre o pesquisador e o sujeito informante.

O Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, ganha forma em 1996, por ocasião do *Seminário Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, nos dias 4 e 8 de novembro. Desde então, foi criado um Comitê Nacional para dar seguimento ao Projeto, além de colaborar com procedimentos metodológicos, promovendo estudos existentes sobre o português regional do Brasil, a partir dos questionários, dos atlas publicados e em fase de elaboração, além de promover, por meio de sua metodologia,

a descrição da realidade linguística do país, que objetiva isso com enfoque nas diferenças encontradas nos vários níveis linguísticos. Assim, o ALiB segue com a perspectiva da geolinguística e da dialetologia, conseqüentemente, utilizada em cada localidade ou região.

A dialetologia tem uma teoria cuja metodologia busca sistematizar e ordenar diferentes formas linguísticas, e o nosso processo metodológico vai seguir nessa linha, no nível descritivo-interpretativo e comparativo. Descritivo-interpretativo porque vai descrever as formas linguísticas, ou seja, o léxico em relação ao campo semântico das crenças e religiosidades, interpretando os resultados daí advindos; comparativo porque vai reconhecer um estudo anterior, que é a dissertação de Oliveira (2016), a qual também utiliza como base o questionário do ALiB, com a diferença de que os dados utilizados pela autora foram colhidos pelo próprio projeto ALiB para a sua pesquisa. Neste trabalho os dados vão ser colhidos por nós mesmos em municípios da região do Sertão Alagoano, utilizando-se o questionário disponibilizado pelo projeto.

O nosso questionário faz parte do nível lexical, já tradicional no âmbito da dialetologia (MOTA; CARDOSO, 2006). No entanto, estamos filiados à perspectiva da geosociolinguística, pois levamos em conta pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, como os critérios para a escolha dos informantes, como sexo, nível de escolaridade, idade (PONTES, 2000).

Vale ressaltar a importância do Projeto ALiB para a elaboração desta pesquisa, além da pesquisa de Oliveira (2016). Ambos foram extremamente importantes para discutir sobre fundamentos teóricos, metodológicos e sobre a análise de dados, processo que também faz este estudo sobre o campo semântico de crenças e religiosidades, tendo em vista que os dados apresentados neste trabalho podem figurar como uma atualização de informações acerca do léxico em comparação aos dados obtidos por Oliveira (2016) em sua dissertação, pois usamos dados de informantes mais velhos, que, por uma questão etária, tendem a ser mais conservadores em relação ao uso de palavras de sua época, enquanto os mais jovens, por buscarem sempre conexões tecnológicas no mundo digital, vão atualizando seu vocabulário com diferentes usos linguísticos em meio a interações comunicativas e práticas de língua(gem), que compreendem uso e troca de conhecimentos, sendo influenciados, assim, por determinados meios e culturas.

Diante disso, há três questionários, todos propostos pelo Projeto ALiB, que permitem coletar diferentes níveis linguísticos de análise: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), composto por 159 perguntas e questões de prosódia; Questionário Semântico-Lexical (QSL), contendo 202 perguntas divididas em 14 áreas semânticas; Questionário Morfossintático

(QMS), contendo 49 perguntas, além de questões de Pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e texto para leitura. Dentro dessa variação linguística, trabalharemos especialmente com o Questionário Semântico-Lexical (QSL), composto por quatorze campos semântico-lexicais, dentre os quais escolhemos o campo de religião e crenças, composto de oito questões.

A elaboração dos questionários do Projeto ALiB contou com a colaboração de vários pesquisadores e professores da área, além de bolsistas da CNPq/UFBA de Desenvolvimento Científico Regional, CNPq/UDEL, CAPES, dentre outras instituições. A sua publicação e circulação foi/é de fundamental importância para a esses conhecimentos, instrumentos imprescindíveis para a realização de trabalhos acadêmicos e pesquisas direcionadas.

A presente pesquisa é de cunho dialetal, e se utilizará de três métodos básicos para sua realização: a rede de pontos, os informantes e o questionário, que será aplicado no formato de pesquisa de campo presencial dentre municípios do Alto Sertão Alagoano.

Conforme Cardoso (2010, p. 89 apud SILVA; ROMANO, 2022, p. 389), a pesquisa de cunho dialetal, “[...] se fundamenta em um tripé básico: a rede de pontos, os informantes e os questionários, cujo estabelecimento se molda sob diferentes perspectivas, orientadas por procedimentos teóricos também variados”. Essa sequenciação metodológica norteará todo o trabalho, com base na dimensão diatópica ou geográfica (com nascimento na própria localidade), associada a outras variações de aspectos sociais, que são: a dimensão diastrática – por inferir modos de falas distintas de práticas comunicativas em diversas esferas; a dimensão diageracional – indivíduos de mais idade e maturidade, portanto, de segunda geração; a diassexual – pressupõe comportamentos de práticas linguísticas distintas entre ambos, homens e mulheres.

3.3.1 Questionário ALiB

As pesquisas, no projeto ALiB, deram-se em 250 localidades de todos os estados do país. Em que os sujeitos de pesquisa são constituídos por informantes de duas faixas etárias que compreende: 18 a 30 anos e 50 a 65, e que contempla os dois sexos, e nível de instrução até a 4ª série do fundamental I; dentre os sexos masculino e feminino. Além desse seguimento criterioso, há também todo um seguimento proposto diante dos questionários a partir de questões de aspectos fonológico, semântico, lexical e morfossintático (CARDOSO, 2001). Após a coleta de dados, toda a informação segue para o pessoal do projeto e lá são dispostas

em programa computacional gráfico, que resulta diversas informações no método da geografia linguística. Para daí contemplar todo estudo da dialetologia feito em atlas a partir da dimensão diatópica e da dimensão diagenérica, entre outras dimensões.

Nesta pesquisa, seguiremos com a metodologia do projeto ALiB a partir de seu Questionário Semântico- Lexical (QSL), a partir do uso de seu material linguístico do nível lexical que contém 14 áreas (*acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana*). Dentre todas estas áreas, trabalharemos com o campo religião e crenças, que se constitui de oito perguntas semânticas.

Em relação ao inquérito linguístico, decidiu-se pela aplicação de um dos questionários, no caso, direcionado para o aspecto semântico-lexical. Além deste, há mais dois questionários, todos propostos pelo Projeto ALiB, que buscam permitir análise de diferentes níveis linguísticos. Os questionários são: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), composto por 159 perguntas e questões de prosódia; Questionário Semântico-Lexical (QSL), contendo 202 perguntas que correspondem a 14 áreas semânticas; Questionário Morfossintático (QMS), contendo 49 perguntas, além de questões de Pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e texto para leitura.

Diante dessa variação linguística, trabalharemos especialmente com o Questionário Semântico-Lexical (QSL), composto por quatorze campos semântico-lexicais. Dentre todos níveis lexicais, escolhemos especialmente um campo: religião e crenças, composto por oito questões. A escolha desse campo tem como referência aspectos da religiosidade popular e crenças, suscita reflexões acerca das culturas da região, a partir da visibilidade de aspectos de natureza diatópica e dos sujeitos identitários.

A partir da comunidade de fala frente às religiões e crenças desse povo sertanejo, em que cada comunidade religiosa detém seus usos de fala, de modo a revelar usos de falas usadas pela comunidade, ou seja, que demonstra o uso de práticas linguísticas em tal comunidade de falantes. Dessa forma, reconhece esses usos nos referentes investigados, além da trajetória religiosa da comunidade de fala, história e cultura. Conforme Malinowski (1986, p. 35 apud OLIVEIRA, 2016, p.89), “a língua está enraizada na realidade cultural do indivíduo, grupo ou comunidade, não podendo ser estudada fora desse contexto”. É nessa mistura de vivências, de crenças, religiões e cultura que se enraíza a história de um povo.

Diante disso, percebe-se a variação no nível lexical significada por uma heterogeneidade ou diversidade na escolha das palavras. Há várias denominações de palavras em que sujeitos

denominam modos diferentes de falar a mesma coisa e assim dão significado. Mas para isso é preciso adequar-se as palavras num contexto de fala, cujo aparecimento está condicionado a fatores extralinguísticos. Isso é demonstrado nos estudos do léxico e em resposta as perguntas do questionário de campo das crenças e religiosidade.

Essas perguntas compõem o denominado Questionário Semântica-Lexical (QSL) do Projeto ALiB, que corresponde ao campo de religiões e crenças, composto por oito questões que abordam questões mágico-religiosas que correlacionam da seguinte maneira: 147 e 148 – Diabo e Fantasma; práticas de magias: 149 – Feitiço; objetos: 150 e 153 – Amuleto e Medalha; nomes de pessoas: 151 e 152 – Benzedeira e Curandeiro e de representação religiosa: 154 – Presépio. Segue cada uma delas, seguidas em formulação de pergunta do Projeto ALiB (PROJETO ALiB, 2001, p. 33):

147. DIABO

Deus está no céu e no inferno está _____.

148. FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?

149. FEITIÇO

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

150. AMULETO

Como se chama o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

151. BENZEDEIRA

Como se chama uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

152. CURANDEIRO

Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

153. MEDALHA

Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

154. PRESÉPIO

No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: O ESTUDO DIALETOLÓGICO NO SERTÃO ALAGOANO

Nesta seção, apresentamos e analisamos os dados da pesquisa seguindo a metodologia dos estudos geolinguísticos (que agencia conhecimentos da dialetologia e da sociolinguística), relatando, inicialmente, como se deu nossa experiência quando da pesquisa de campo, apontando dificuldades e limitações, descrevendo as localidades selecionadas para a rede de pontos, os sujeitos de pesquisa, selecionados pelas variáveis: orientação religiosa, ocupação profissional, sexo e nível de escolaridade. No segundo tópico, discutimos sobre o campo das crenças e das religiosidades, focando nos tabus linguísticos, aspecto que se apresentou necessário durante a análise do conteúdo das transcrições das entrevistas. Trazemos, assim, todas as respostas transcritas, quantificando-as em forma de gráficos e tratando a (não) dicionarização e a comparação com as respostas presentes no ALiB e na tese de Barbosa-Doiron (2017), que compõe o Atlas Linguístico de Alagoas (ALEAL).

4.1 RELATO DA PESQUISA DE CAMPO

Nesta subseção, apresentamos um relato de experiência a partir de pesquisa bibliográfica e de campo, além do processo metodológico, imprescindível e significativo para a pesquisadora. Dentre os questionários, ficamos com o semântico-lexical, o qual possui 14 áreas semânticas, e delas optamos por trabalhar com apenas um campo, o de religião e crenças, composta por oito perguntas de nível lexical. Todas as oito questões foram usadas no segmento da entrevista, e suas respectivas respostas também serão utilizadas na pesquisa, para investigação e análise dos dados em relação à dicionarização e aos tabus linguísticos, por conter temas pouco debatidos no cotidiano social, tanto por pessoas religiosas quanto por pessoas não religiosas.

Diante disso, temos como objeto de estudo o dialeto nas zonas urbanas e rurais no Sertão Alagoano, localizado a oeste do estado de Alagoas, que se situa entre os estados de Sergipe e Pernambuco. Essa pesquisa foi aplicada no Sertão Alagoano para verificar a influência no espaço diatópico, além da variável diastrática, da variável diagenérica e da faixa etária – dimensão diageracional – em 5 cidades, discriminadas mais abaixo, e que juntas formam uma rede de pontos.

A pesquisa de campo foi desenvolvida com pessoas de comunidades religiosas e de localidades selecionadas e previu a aplicação de um questionário semântico-lexical, cujo

produto – as variantes lexicais do campo de crenças e religiosidades dessas comunidades – se encontra presente na realidade sociolinguística de seus habitantes/informantes. A amostra total é composta por vinte e quatro informantes, distribuídos geograficamente e socialmente. Isso nos leva a entender a riqueza dada ao uso de determinadas palavras, além das diferentes variantes lexicais expressas por diversas comunidades religiosas e por não religiosos, sendo esse um dos objetivos de análises deste trabalho acadêmico.

Essa experiência se deu no Alto Sertão Alagoano entre os municípios de Água Branca, Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado, Inhapi e Piranhas. Diante disso, entrevistei 24 informantes no tempo de 5 horas e vinte minutos nos cinco municípios, sendo que a primeira entrevista se deu em 21 de junho e a última em 21 de setembro de 2022, de pessoas pertencentes às comunidades religiosas católica, protestante, espírita, de matriz africana e indígena, e também por não religiosos. Como já dito, de cada comunidade religiosa foram entrevistados quatro informantes: dois homens e duas mulheres com 50 anos ou mais, com baixa escolaridade e nativos do Sertão Alagoano.

Para cada entrevista, iniciou-se com as questões da ficha do informante, que elenca os critérios informacionais desejados pelo projeto. Após a sua conclusão e a sua devida certificação diante dos dados informados e da exigência dos critérios, deu-se a entrevista com o/a participante, composta por oito perguntas direcionadas aos candidatos da entrevista, por isso foi preciso seguir com todos os critérios propostos pelo projeto ALiB, como bem enfatizado no capítulo anterior. Assim o fizemos.

Todas as entrevistas foram realizadas nas casas dos informantes. Antes disso, porém, foi preciso pedir permissão ao entrevistado para a gravação da conversa, além do registro fotográfico do momento. Ao final da entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E) foi apresentado por mim aos informantes e assinado por ambos, pesquisadora e informante.

De início não foi fácil, devido a alguns possíveis informantes possuírem o curso superior ou uma faixa etária menor do que a exigida. Nessa busca, fomos nos comunicando via WhatsApp, nele fomos trocando informações e dúvidas que foram bastante necessárias para o encontro com o possível informante, e através desse mesmo meio de comunicação fomos alterando ou substituindo alguns informantes. Ainda por esse meio foi me passado o nome, endereço e contato, mas nem todos possuíam celular. Esse meio de comunicação foi primordial para nossa interação e comunicação diante dos fatos expostos anteriormente.

A distribuição de religião e informantes nos municípios mencionados ficou assim: Delmiro Gouveia, representante das religiões espírita e de matriz africana, com o total de oito

informantes, quatro de cada religião; Água Branca, também com esse mesmo quantitativo, e representa a religiosidade indígena e de pessoas que não se consideram religiosas; Olho d'Água do Casado representa a religião católica, com seus quatro informantes; Inhapi, com duas informantes protestantes de Igreja Evangélica. Para a representação dos quatro informantes protestantes, estendemos a pesquisa de campo até a cidade de Piranhas; logo, as cidades de Inhapi e Piranhas representam conjuntamente quatro informantes de religião protestante de domínio evangélico. Assim, temos ao todo 24 informantes, distribuídos em cinco redes de pontos, entre religiosos e não religiosos.

Dessa forma, cada ponto ficou demarcado por um número: ponto 1, Delmiro Gouveia; ponto 2, Água Branca; ponto 3, Olho d'Água do Casado; ponto 4, Inhapi; ponto 5, Piranhas. Cabe ressaltar que haveria mais uma localidade, que seria Pariconha; porém, não obtive acesso ao representante da comunidade indígena, que naquele momento não se encontrava. Além disso, houve recentemente uma substituição e posse do novo representante da comunidade indígena, devido ao falecimento da cacica Nina dos indígenas Katokinn. Inclusive, seria necessário a autorização dele para que pudéssemos ter acesso aos informantes dentro da comunidade indígena. No entanto, como não foi possível, busquei em outra localidade. Isso ocorreu em julho, e no mês seguinte retornei à mesma localidade, com outro segmento religioso, mas devido a restrição de critérios para com a busca dos informantes, não obtive êxito e, com isso, mais uma vez, a ida foi em vão.

Me deparei com grandes dificuldades para encontrar quase metade dos informantes com as características determinadas, principalmente nas comunidades de matriz africana, de protestantes e sem religião, por motivo de não compatibilidade com os critérios.

A partir dessa restrição de critérios do projeto ALiB em relação aos informantes, além de pertencerem a determinadas religiões e serem também não religiosos, encontrei dificuldades para achá-los, uma vez que eles precisavam ser nativos do Sertão Alagoano (ou seja, terem nascido e vivido nessa região), terem faixa etária maior que cinquenta anos, além do controle de escolaridade.

Seguir com a pesquisa obedecendo a todos esses critérios não foi fácil. Foi muito difícil encontrar informantes com esse perfil, por isso a procura levou um pouco mais de tempo que esperado: quase quatro meses, desde junho até setembro de 2022. O tempo de busca dos informantes ficou livre por conta dos articuladores a quem recorri para isso: presidente do centro espírita, pastor, secretário de órgão municipal que atende a população indígena, além de universitário frente a espaços religiosos como o protestante e o católico; já nos espaços de

matriz africana, busquei ir em quase dez terreiros e deles conseguir endereços dos possíveis informantes.

Foram muitas idas e vindas, além de ligações e mensagens de WhatsApp correspondidas e não correspondidas. No percurso ainda me deparei com desistências, não só de um informante de religião africana, mas também de mais quatro, entre religiosos e não religiosos. Entre todas estas, a busca pelos informantes indígenas foi a que levou menos tempo, mesmo seguindo todos os critérios solicitados pelo projeto, levando em consideração todos os outros informantes. Isso só foi possível com o apoio de um dos setores de assistência indígena conjuntamente com o órgão municipal de Água Branca.

O quadro abaixo apresenta nossa rede de pontos, em que se detalha o número de informantes por localidade, bem como as idades e as iniciais de seus nomes, ou seja, o perfil dos/as informantes. Esse formato de quadro foi espelhado na tese de Barbosa-Doiron (2017, p. 67).

Quadro 4 – Perfil dos/as informantes por municípios do Alto Sertão Alagoano

LOCALIDADE	HOMEM 1 e 2	NOME	MULHER 1 e 2	NOME	RELIGIÃO
1-Delmiro Gouveia	60 anos	E.C.S	57 anos	J.S	Espírita
	59 anos	J.E.R.S	63 anos	C.M.J	
	68 anos	O.D.C	50 anos	M.A.S	Matriz Africana/ Candomblé e Umbanda (Inf. O)
	60 anos	A.L.S	75 anos	M.S.F	
2- Água Branca	67 anos	A.F.S	55 anos	H.S.C	Aldeia Indígena
	64 anos	A.B.S	85 anos	I.S.C	
	67 anos	J.G.S	70 anos	M.A.G.N	Sem religião
	77 anos	C.G.S	55 anos	M.A.S.S	
3-Olho d'Água do Casado	50 anos	A.M.G	64 anos	M.Z.M	Católica
	88 anos	E.V.S	73 anos	S.O.M	
4- Inhapi			59 anos	M.M.S	Protestantes/ Evangélicos
			75 anos	M.D.G.S	
5- Piranhas	59 anos	D.V.R			
	56 anos	W.V.O			

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Acerca dos informantes do território, eles residem em zona urbana e rural do Sertão Alagoano. Considerei, com o professor-orientador, que as questões respondidas pelos/as informantes foram bastante produtivas independentemente da zona de moradia.

Além de os/as informantes serem naturais da região ou terem nascido nas proximidades, o que decorre do processo de migração entre os municípios do Sertão Alagoano, em relação aos seus familiares diretos, ascendentes e descendentes, estes também não se distanciaram de seus locais de origem, e quando o fizeram foi por períodos curtos, no próprio estado ou nos estados vizinhos. A grande maioria deles relatou migração ao menos uma vez dentre os próprios municípios do Sertão Alagoano, para morar ou apenas para nascer. Muitas das vezes, isso se devia às condições socioeconômicas da mesorregião que engloba duas microrregiões, quais sejam, Serrana do Sertão Alagoano, que circunscreve os municípios (Água Branca, Canapi, Inhapi, Mata Grande e Pariconha), e Alagoana do Sertão do São Francisco, que são Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado e Piranhas.

Ainda com relação aos informantes, optamos por aqueles com baixa escolaridade, que tivessem até o nível fundamental completo ou analfabeto, como bem se utilizou Barbosa-Doiron (2017) em sua pesquisa de tese. Estimamos que, por não ter havido uma continuação dos estudos, os informantes mantiveram uma fala mais conservadora, mesmo que sua comunicação e interação seja em áreas urbanas. Contudo, na pesquisa de campo, o baixo nível de escolaridade definido combinou com o cenário social no qual me deparei, que foi o Sertão Alagoano, que, conforme dados do Censo 2010, do IBGE, possui uma população de 169,119 mil habitantes. O seu menor IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) dentre os municípios do Sertão Alagoano é de 0,504 (município de Mata Grande), e tem 30.313 mil pessoas que nunca frequentaram uma escola. Entre os 24 informantes do Sertão Alagoano, 03 disseram não saber ler e nem escrever, sendo do sexo masculino e feminino. Tinham cerca de 55, 63 e 77 anos.

Dentre os informantes, em sua grande maioria afirmaram ter frequentado apenas o nível fundamental I. Denotou-se que, no decorrer das entrevistas, demonstraram possuir um conhecimento baixo desse nível, perceptível durante todo o processo, seja no decorrer ou durante a aplicação das perguntas. Diante dessa realidade de aspecto social, o nível de estudos que havíamos estipulado foi compatível, mantido e cumprido. Portanto, os informantes do Sertão Alagoano têm o seguinte perfil:

- 05 declaram ter cursado ensino fundamental completo;
- 15 disseram possuir nível fundamental incompleto;
- 04 afirmaram ser analfabetos e apenas dois deles disseram saber assinar o nome.

Quanto às ocupações profissionais, grande parte dos informantes se ocupam na agricultura. A maior parte das mulheres entrevistadas cumpre funções de donas de casa, dentre elas uma cumpre uma função a mais de costura e bordado. As que não atuam no lar são aposentadas, exceto duas que atuam no setor público, ambas como auxiliares de serviços gerais, além de uma autônoma. Uma informante declarou estar desempregada.

Quanto aos informantes do sexo masculino, quase metade trabalha no ramo comercial, como eletricitista, técnico eletrônico e comerciante autônomo de feira livre. Os que não atuam no setor comercial são aposentados, exceto um que trabalha no funcionalismo público, na função de guarda municipal.

A operação de busca por possíveis informantes, com relação à cronologia da pesquisa de campo no Sertão Alagoano, foi de junho a setembro de 2022, com interrupção devido ao tempo de busca pelos possíveis informantes para que de fato fossem cumpridos todos os critérios do projeto. Algumas buscas se deram em clima de neblina na cidade de Água Branca. Para essa busca dos informantes, tomamos como base o último censo do IBGE, do ano de 2010, o qual possibilitou compreender o retrato dos religiosos e não religiosos e de sua diversidade povoadas em cada uma das oito cidades em representação de quantitativo por cada religião.

Partindo de Delmiro Gouveia, onde moro, comecei as entrevistas por aqui mesmo. Antes de viajar para as demais cidades do Sertão Alagoano, havia contatado sete colegas universitários, porém apenas dois deles conseguiram encontrar os possíveis informantes, que foram Érica Vitória Dias de Souza e Diego Melo da Silva, cada um em suas localidades, respectivamente, Olho d'Água do Casado e Inhapi, e lá chegando apenas ele pôde me acompanhar. Isso foi extremamente importante devido ao tempo dele, já que ele é comerciante e é do meio protestante e atua como músico na Igreja Evangélica; já ela me indicou nomes de moradores com o perfil de informantes preestabelecido pelo projeto através de mensagem de *WhatsApp*, e justificou que não poderia me acompanhar devido ao trabalho na escola. O contato com esses amigos universitários de minha própria turma, facilitou ao ter que ir por mais vezes na mesma localidade. Em relação a algumas localidades, tive que ir mais de uma vez.

Para a maior parte das entrevistas, busquei ajuda com meu companheiro de vida, que, por dispor de um veículo, nos possibilitou um deslocamento mais rápido, tanto no acesso às cidades da mesorregião quanto na busca pelos informantes, exceto alguns de meu município, Delmiro Gouveia. Pelo fato de eu morar entre as localidades, não havia a necessidade de pernoitar nos municípios vizinhos. Além do mais, a maioria das entrevistas foi realizada no período da tarde e, mesmo com o cair da noite, voltávamos. Uma das dificuldades do pesquisador de campo são as cidades desconhecidas e horários não propícios.

De Delmiro Gouveia, o próximo destino foi, em sequência, Água Branca, Olho d'Água do Casado, Inhapi e Piranhas. Chegando nesses pontos, em uma pequena minoria, em primeiro lugar, buscávamos algumas instituições religiosas, sempre esperando contar com informação de pessoas representativas da religião que pudessem me indicar informantes com o perfil estabelecido. Essa busca também ocorreu em grande parte por telefone devido aos conhecimentos e pessoas conhecidas na região. Vale a pena ressaltar que nem todos os contatos de busca entre articuladores e informantes foram válidos devido a possíveis fatores que estivessem em desacordo com o perfil dos informantes. Em algumas vezes, no próprio momento da entrevista, diante disso, houve três cancelamentos de futuros informantes.

Dessa forma, iniciamos os trabalhos, primeiramente aqui em Delmiro Gouveia. Assim, me direcionei a espaços religiosos de domínio espírita. Conversamos com o presidente e médium do Centro Espírita (UEBM – União Espírita Bezerra de Menezes), o qual eu já conhecia, e que foi de excelente ajuda na busca pelos informantes. No decorrer disso, trocamos mensagens, nossas interações foram bastante proveitosas, porque dialogávamos bastante e nisso discutíamos sobre dúvidas e possíveis indicações que já vinham com o nome e o endereço dos possíveis informantes e que seguiam com os critérios estabelecidos. Quando ocorria em ambos uma dúvida, logo tirávamos. Além do mais, houve algumas substituições devido à barreira dos critérios estabelecidos pelo projeto. A luta desse grande amigo João Feitosa também não foi fácil, tanto que todo processo de busca e realização ocorreu no prazo de quarenta dias entre apresentação da proposta, diálogos, tempo de procura e busca por ambos (pesquisadora e articulador), além do cumprimento com fichas e entrevistas. Diante de tudo já dito a respeito da busca pelos informantes da religião espírita, finalmente, a efetivação e conclusão se deu em quatro semanas, do mês de junho a julho entre busca pelos informantes e conseqüentemente a realização da entrevista com todos os quatro informantes, sendo estes dois homens e duas mulheres.

Em seguida, ainda no ponto 1, em junho, me direcionei a espaços religiosos de matriz africana, que foram a umbanda e o candomblé, em busca de contatos com pessoas relacionadas a essas religiões. Naquele momento, consegui apenas uma pessoa para fazer toda a articulação. Essa parte da busca por informantes levou um pouco mais de tempo para ser concretizada, pelo meu pouco conhecimento dos terreiros presentes na cidade de Delmiro Gouveia e pela espera de indicações de nomes, a qual me tomou quase trinta dias, mesmo diante de minha insistência e orientação para que me enviassem nome e endereço de possíveis informantes. Eu soube, através de uma participante do candomblé, que o município tem, ao todo, doze terreiros. No entanto, muitos deles são distantes do grande centro urbano e ainda havia implicações e

impossibilidades de encontrar as quatro pessoas que se encaixassem dentro dos critérios exigidos pelo projeto ALiB e a falta de interesse por alguns, por mais que eu persistisse e explicasse, e outros por motivos de doenças.

No ponto 2, município de Água Branca, me deparei com dois cenários: com a tradição indígena e com os que não se consideram religiosos/as, ou seja, ateus/ateias. Diante deles, houve dois contrastes, um pelo acolhimento com que fui recebida por todos os informantes indígenas, em que alguns se apresentavam com muita alegria e satisfação em poder servir; já no outro, o que mais me chamou atenção, por parte de um dos informantes não religiosos, foi sua recepção. Ele apresentou um tom de agressividade na voz ao falar comigo e se mostrou relutante em querer me atender, embora aos poucos eu tenha conseguido contornar a situação com a chegada da sua esposa.

Além disso, uma das possíveis informantes desistiu por não se achar capaz de responder ao questionário, tendo se retirado da varanda onde estávamos e me deixando sozinha em companhia de seu neto. Assim, me retirei triste. Já os demais entrevistados foram bastante compreensivos e atenciosos em contribuir com meu trabalho. Isso só foi possível com a ajuda de terceiros, no caso, de uma missionária e irmã em Cristo, que indicou os sem religião, além de me levar na casa de duas informantes, e o outro é do órgão municipal de Água Branca, que indicou os informantes indígenas.

Chegando ao ponto 3, município de Olho d'Água do Casado, e diante dos dados dos possíveis informantes, para a minha tristeza, dois deles não foram compatíveis os critérios. Entretanto, para minha alegria, fui direcionada a outros informantes que poderiam fazer jus aos critérios preestabelecidos pelo projeto do Atlas Linguístico do Brasil. Diante desses novos informantes, porém, um deles também não foi compatível. Assim, com a ajuda de uma colega universitária, me direcionei à casa de um outro possível informante, mas não havia ninguém lá. Minha colega foi embora, mas fiquei aguardando um pouco mais, e logo o último informante católico apareceu. Apresentei-me, pedi a ele que me ajudasse com meu trabalho de TCC e lhe informei que seriam apenas oito perguntas. Ele prontamente aceitou em responder. Saí de lá com uma imensa alegria e satisfação por ter cumprido mais uma etapa da minha jornada. Como se pode perceber, a recepção e acolhida foram ímpares.

No ponto 4, município de Inhapi, eu estava acompanhada pelo articulador que me ajudaria a encontrar os informantes da religião evangélica, um músico também evangélico que me levou até a casa de quatro possíveis informantes, dos quais apenas dois foram compatíveis, no caso, duas mulheres. O terceiro não correspondia aos critérios devido ao seu nascimento ter acontecido fora do Sertão Alagoano, no caso, Pão de Açúcar. Devido a isso, fomos atrás de

mais um informante, mas ele se encontrava fora e levaria três horas até seu retorno e, com isso, sem mais ninguém que preenchesse os critérios, voltamos à minha cidade. Fora isso, ocorreu tudo de acordo com o exigido pelo projeto. Nessa localidade também fui bem recepcionada por todos.

No ponto 5, município de Piranhas, me direcionei ao pastor de uma Igreja protestante, com o qual eu havia mantido contato anteriormente, e que ficou de fazer um diagnóstico entre seus fiéis na busca por dois possíveis informantes do gênero masculino. No entanto, mais uma vez, eles não foram compatíveis por serem naturais do agreste (Major Isidoro). Assim, resolvemos ir nas outras igrejas de domínio protestante, que foram em torno de cinco; dentre elas, apenas a Igreja Evangélica estava aberta. Deparamos com o pastor da Assembleia de Deus, o qual foi bastante acolhedor e mostrou afinco na procura por possíveis informantes. Ele conseguiu um informante compatível, já em relação ao segundo informante, ficou combinado de voltarmos em um outro dia, já que havia uma programação em sua agenda e, devido a isso, não poderia disponibilizar ainda mais do seu tempo.

Não foi fácil a busca por esses informantes ideais, além de tantas outras implicações. Dentre algumas impossibilidades, que entre alguns informantes não obtivemos êxito devido à falta de compreensão ou entendimento por alguns articuladores para com os critérios, devido ao nascimento fora do lócus do Alto Sertão Alagoano, imigrações de localidades divergentes por muito tempo e do fator idade. E da busca de trabalho fora, por homens. Essas questões foram bastante implicadas nas buscas dos sujeitos.

Assim sendo, alguns dos possíveis informantes declararam se sentir incapazes de responder ao questionário, e por isso não o fizeram. Isto ocorreu nas comunidades de ponto 2 e ponto 3, respectivamente, no momento de aceite da entrevista e diante das buscas pelos informantes. Mesmo esclarecidos os objetivos, ainda assim se sentiram tímidos e inseguros. Isso ocorreu entre homens e mulheres. No entanto, deu para convencer alguns a aceitar. Ainda mais relutantes foram as pessoas que não se consideram religiosas, mas alguns disseram ir à Igreja pelo menos em momentos de batizado e festejos da comunidade, já outros afirmaram não ser praticantes assíduos, como uma informante que declarou que durante quatro anos frequentou a Igreja apenas duas vezes, declarando-se, dessa forma, sem nenhum vínculo religioso ativo.

Além do mais, constatamos que é muito grande a distância entre as moradias dos informantes e as igrejas, protestante e católica. Mesmo diante desses fatores, e ocorrendo algumas substituições, fomos avante e prosseguimos na busca pelos informantes.

Nesse sentido, observamos que algumas pessoas se apresentaram com muita alegria e satisfação em poder contribuir. Por outro lado, alguns se mostraram bem desinteressados, denotado pelo tempo e pela falta de retorno entre ligações e mensagens de WhatsApp. Já outros disseram ser complicado encontrar informantes com esses critérios, mas que iria tentar ajudar. Tudo isso me tomou bastante tempo e me fez pensar que há dois tipos de pessoas: as que enfrentam e as que deixam para lá. Em resumo, a recepção em sua maioria ocorreu de modo satisfatória, devido ao acolhimento, que foi bastante proveitoso nas interações antes, durante e depois das entrevistas.

4.2 CAMPO SEMÂNTICO CRENÇA E RELIGIOSIDADE

O campo semântico das crenças e religiosidades, por sua própria natureza, está envolto em superstições, e muitas delas se relacionam às lexias utilizadas dentro desse campo. Algumas palavras, para muitas pessoas que são adeptas a determinadas religiões, podem ser tidas como de mau tom, por causa da crença de que podem evocar perigos ou malefícios para quem as pronuncia: são os tabus linguísticos.

A acepção antropológica do vocábulo “tabu”, de acordo com Aulete (2022), é a seguinte: “Entre certos povos, proibição ger. de inspiração religiosa, de atos ou comportamentos considerados impuros, danosos etc., e que, quando praticados, podem resultar em castigos de origem sobrenatural”. Isso pode ser observado nas respostas de alguns informantes, que contemplam seu conhecimento de mundo a partir de variáveis sociais e orientação religiosa.

Nessa perspectiva, Barbosa-Doiron (2017) aborda algumas tabuizações linguísticas na sua tese, como a abstenção em falar nomes próprios de familiares, o que se estende aos nomes de mortos. Isso faz menção a uma questão de número 129 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, em que buscava a maneira de se referir aos mortos durante uma conversa. Além disso, a autora menciona a tabuização do nome de algumas doenças, como tuberculose e câncer, a primeira chamada de doença do peito, mal dos peitos, queixa do peito, doença ruim, magra, tísica e seca, e a outra de doença ruim, é também chamada de CA. Os nomes dessas doenças são evitados pelos falantes, que os trocam por eufemismos ou locuções eufemísticas (BARBOSA-DOIRON, 2017).

Além disso, a pesquisadora também trata de ocorrência de nomes de criaturas maléficas, como o diabo, que é substituído por vários outros nomes, como ela apresenta, advindos dos informantes do ALEAL – Atlas Linguístico de Alagoas –, que registraram várias recorrências: adversário, demônio, diacho [eufemismo], satanás, cão, capeta, além de inimigo, anjo rebelde,

mafarrico, tal homem e pírtigo, justificados pela autora como sendo os mais lembrados. Dentre esses nomes registrados, cinco deles foram comuns entre ocorrências de minha pesquisa de campo, quais sejam: *demônio*, *satanás*, *cão*, *capeta* e *inimigo*, além da lexia *anjo*, mas com adjetivações: *anjo caído* e *anjo decaído*.

Além de compartilharmos da ausência de resposta de alguns informantes que se recusaram a fornecer uma resposta para a pergunta de número 147, a primeira questão da área de religião e crenças. Outro aspecto a ser destacado em relação à pesquisa de Barbosa-Doiron (2017) é a sua rede de pontos, que totalizam 21 pontos de localidades no Estado de Alagoas; dentre esses pontos, me deparei com dois deles para minha pesquisa de campo, que foram as cidades de Delmiro Gouveia (primeiro ponto de sua partida e meu também) e Piranhas, que ela pontua como ponto quatro, e por mim, o último ponto das cinco localidades pesquisadas.

Consideramos que há um tabu linguístico religioso no campo semântico da área de religião e crenças. Dentre as hipóteses levantadas nas análises da pesquisa de campo destacam-se: *diabo*, *fantasma*, *feitiço*, *benzedeira* e *curandeira*, que são formas tabuizadas entre falantes sertanejos, consideradas por informantes religiosos/as e não religiosos/as. Diante disso, obtivemos algumas produtividades para a lexia *curandeira* (8), a mais recorrente entre essas cinco, atrás de *Diabo* e *Benzedeira* (7 cada), e as demais são *fantasma* (5) e *feitiço* (3).

Nesse sentido, para as demais respostas dadas, verificou-se o emprego de sinônimos, de eufemismos e de circunlóquios que são estratégias utilizadas pelos falantes para escapar de palavras tabuizadas diante das perguntas na entrevista. Conforme disse o informante Q, de tradição indígena, “são nomes meio estranho, uns nomes que não agrada muito, parece que eles não são muito favorável não”. Essa fala do informante aponta um tabu linguístico, como se, ao pronunciar certos nomes, eles poderiam causar-lhe prejuízos em termos de saúde e malefícios. A palavra tabuizada, assim, necessita ser substituído por outras, como, por exemplo, *diabo*, que constitui para muitos um tabu, pois nomeia uma criatura maléfica. Essa variante se destaca nas respostas dos sujeitos A e B, ambos de religiosidade católica; sujeitos F e G, ambos de religiosidade evangélica; sujeito Q, de tradição indígena, e nos sujeitos W e X, ambas são pessoas ateias. A lexia *Diabo* foi uma das recorrentes, com sete registros, obtidos nas quatro localidades pesquisadas.

Pudemos verificar que essa lexia é substituída por outras. Foram registradas 29 variantes, que se destacam no gráfico 01, presente no próximo subcapítulo. Um dos informantes se recusou a fornecer qualquer designação, talvez por temor a algo que pudesse acontecer como reação à menção de determinada palavra. Diante disso, muitos buscaram interditar, suprimir nomes. Conforme o informante F:

A gente tem uma forma de falar diferente, não pronuncia palavras vãs, assim, não pronuncia palavras que não convém, que sabe que não é agradável a Deus. Nós temos um temor a Deus, temos um sentimento que é de dentro da gente, que quando a gente passa a andar nesse caminho a gente passa a ter um temor a Deus. O homem quando tem um temor a Deus, sempre ele vai tá atento a não fazer coisas que não venham a agradar ao Deus.

Isso denota uma forma de espiritualidade e demonstra uma construção de crenças religiosas, por se voltar aos princípios de Deus. Dessa forma, documentou-se uma ampla variação lexical para nomear o *Diabo*. Dentre estas lexias mais genéricas, como *diabo*, *satanás*, *demônio*, *lúcifer*, entre outras nomeações, assim, constatou-se o uso de recursos linguísticos para essa substituição e denominação que apresentam significações e caracterizações que partem do conhecimento histórico em que se fixou a imagem do *Diabo* e do conhecimento dos sujeitos social e culturalmente, partindo-se de sua história de vida e das histórias orais repassadas de geração em geração que concebem a realidade de um povo que vive suas crenças, seus valores e suas ideologias, além de reforçar valores sociais e culturais dos indivíduos de uma comunidade religiosa. Desse conhecimento predominante no sujeito se pode gerar diversas interpretações, investigações e análises.

Diante disso, se possibilitou um olhar tabuístico, conforme pode ser constatado nos depoimentos fornecidos pelos informantes transcritos a seguir e que se deram como respostas para a pergunta 147: “Deus está no céu, no inferno está _____” (PROJETO ALiB, 2001, p. 33). Foi possível constatar um número bem expressivo e significativo de lexias para designar o referente, como mostram as seguintes falas de quatro dos informantes.

INF. L – Muita gente às vezes chama, eu não, Lúcifer, besta fera, o cão, satanás; sempre eu ouço assim, mas eu não uso a chamar.

INF. R – Tem isso aí é, Ave Maria! Com esse bicho, chama cão.

INF. E – No inferno quem tá é o satanás, eu acho, que Deus não tá lá. Deus tá no céu.

INQ. – Chama por outros nomes?

INF. E – Chama de vários nomes, só que eu mesmo não chamo nenhum. Só chamo por Deus. Agora, quem quiser chamar pode chamar à vontade.

INQ. – Qual o nome que o senhor disse?

INF.E – Satanás.

INQ. – Além de satanás, o senhor já ouviu chamar por outros nomes?

INF. E – Ah tem outros nomes, ah tem vários.

INQ. – Quais?

INF. E – Bexiga, capeta, demônio, é coisas que o católico chama, né, até o crente pode chamar, depende a alteração dele. Só que eu não. Se eu não chamar por Deus, por outro não vou chamar, chamar por quem me ajuda.

INF. X – O cão.

INQ. – A senhora chama por outros nomes?

INF. X – Não, eu num chamo nome não, eu num gosto não.

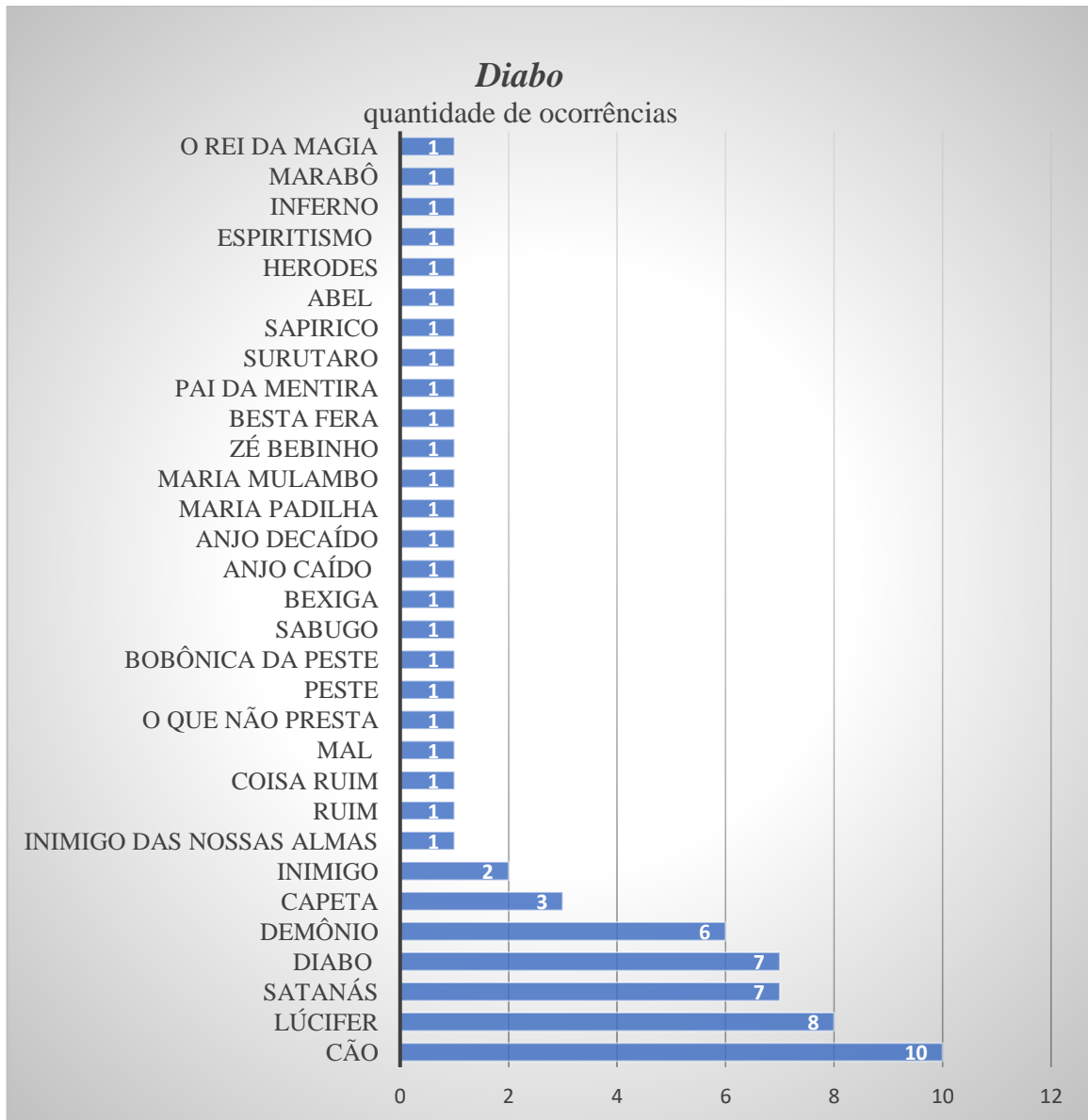
INQ. – Qual o nome que a senhora não gosta?

INF. X – Esses nomes muito forte eu num digo não. Ainda diabo eu ainda digo, mas nunca mais disse não.

Os informantes utilizam as lexias *Lúcifer, Besta fera, o Cão, Satanás, Bexiga, Capeta* e *Demônio* para se referir a *Diabo*, lexia que se esperava ser mais produtiva, de acordo com o que o QSL do ALiB apresenta (PROJETO ALiB, 2001). O mais interessante, porém, é que os informantes tentaram não mencionar lexias que designassem *Diabo*, conforme suas falas: “mas eu não uso a chamar” (informante L), “Tem isso aí é, Ave Maria” (informante R), “Chama de vários nomes, só que eu mesmo não chamo nenhum” (informante E), “Esses nomes muito forte eu num digo não” (informante X). No entanto, apesar dessas negativas, que apontam para um tabu linguístico, os informantes utilizaram outras lexias que designam da mesma forma a palavra *Diabo* e que têm, portanto, o mesmo valor absoluto. Essa relação evidencia aspectos da visão de mundo de falantes sertanejos e de suas crenças e religiosidades.

4.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para a pergunta 147 do QSL, “Deus está no céu e no inferno está _____?”, busca-se selecionar variantes lexicais para a entidade relacionada ao mal, aquele que antagoniza com Deus. Foram registradas 31 variantes, como disposto no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – *Diabo*: quantidade de ocorrências

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O quadro 5 a seguir especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

Quadro 5 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 147

ITENS DO QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 147 – DIABO	3 Cão	4 Satanás	4 Satanás
	3 Satanás	2 Diabo	3 Demônio
	2 Diabo	2 Demônio	2 Cão
	2 Demônio	1 Lúcifer	2 Lúcifer
	1 Lúcifer	1 capeta	4 Outros
	2 Outros	4 Outros	
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	4 Lúcifer	2 Cão	3 Cão
	3 Satanás	2 Demônio	2 Diabo
	1 Demônio	1 Diabo	1 Satanás
	1 Capeta	1 Capeta	4 Outros
	6 Outros	5 Outros	

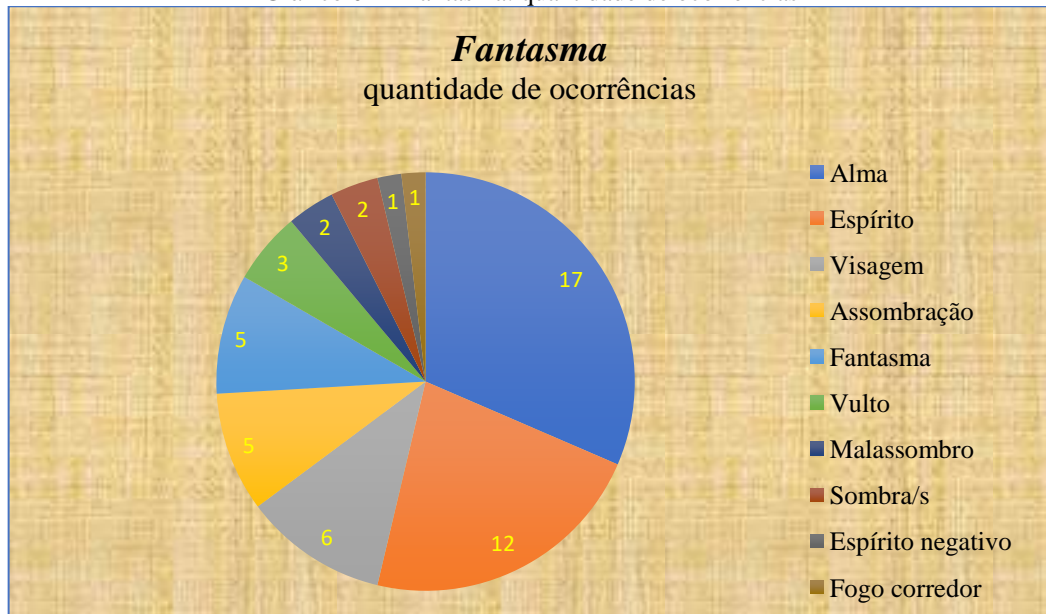
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Dentre as respostas obtidas, chama a atenção o fato de que *diabo* não foi a mais produtiva. *Cão* apareceu como resposta em 10 oportunidades, seguido de *Lúcifer* (8) e *Satanás* e *Diabo* (7 cada), *Demônio* (6) e *Capeta* (3), todas lexias dicionarizadas no português brasileiro. *Inimigo* (2) e *Inimigo das nossas almas* demonstram o antagonismo com o “lado do bem”. As demais lexias foram de ocorrência simples e demonstram uma riqueza lexical e cultural que merece ser destacada. Qualificativos negativos foram encontrados em *Ruim*, *Coisa ruim*, *Mal*, *O que não presta*; a relação com doenças se apresenta em *Peste*, *Bobônica da peste*, *Sabugo* e *Bexiga*; há referências à entidade angelical em *Anjo caído* e *Anjo decaído*, que seria uma referência a Lúcifer; nomes femininos e masculinos genéricos em *Maria Padilha*, *Maria Mulambo* e *Zé Bebinho*, com a fauna em *Besta fera*, bem como a relação paternal em *Pai da mentira*; o lugar onde esse ente mora aparece por metonímia em *Inferno*. Nomes exóticos registrados pelos sujeitos foram *Surutaro* e *Sapirico*, ambas lexias não constitui registro dicionarizada, além de dois personagens bíblicos foram tomados para personificar o diabo: *Abel*, que matou Caim, seu irmão, no livro de Gênesis, e *Herodes* – Herodes I o Grande (73-04 a.C.), que era o rei da Judeia quando do julgamento de Jesus descrito nos evangelhos. Além da lexia *Marabô* que não apresentou acepção relacionada ao conceito. Registra-se como interessante a escolha do sujeito O (mulher de matriz africana) como primeira resposta: *Espiritismo*, que aponta a denominação religiosa espírita como exemplo negativo. Ainda naquela entrevista, esse sujeito qualificou como sendo “de esquerda” o conceito em questão, demonstrando uma vinculação com um dos polos político-partidários. Também registra-se como interessante a escolha do sujeito M (homem de matriz africana) como quinta resposta: *O Rei da Magia*, relacionada ao mal. Como última observação, chama a atenção o não registro da

lexia *cramunhão* entre os entrevistados, considerando essas terem ocorrido durante a exibição da novela *Pantanal*, da Rede Globo.

Já para a pergunta 148 do QSL – “O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?”, buscam-se variantes lexicais para uma entidade fantasmagórica. As lexias registradas tendem a estar relacionadas ao sentimento de “terror causado pela aparição de fenômeno inexplicável ou sobrenatural, como fantasmas etc” (AULETE, 2022). Foram registradas 10 variantes para essa pergunta, como disposto no gráfico abaixo.

Gráfico 02 – Fantasma: quantidade de ocorrências



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O Quadro 6 especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

Quadro 6 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 148

ITENS DO QSL	LEXIAS			
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA	
QSL 148 – FANTASMA	3 Alma	2 Alma	2 Alma	
	1 Fantasma	2 Assombramento	2 Vulto	
	2 Outros	1 Fantasma	1 Assombramento	
		1 Visagem	1 Visagem	
		1 Vulto	4 Outros	
		3 Outros		
		MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Alma	4 Alma	3 Alma	
	2 Visagem	1 Fantasma	1 Fantasma	
	1 Fantasma	1 Visagem	1 Visagem	
	1 Assombramento	4 Outros	1 Assombramento	
4 Outros		1 Outro		

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Também chama a atenção o fato que a lexia mais produtiva para esse conceito não foi *Fantasma*, com apenas 5 ocorrências, mas *Alma* (17), e *Espírito* (12) durante as entrevistas com os 24 sujeitos; todas lexias dicionarizadas no português brasileiro. *Alma e Espírito* foram lexias comuns a todos os municípios onde foram feitas as entrevistas e a sujeitos de todas as denominações religiosas. *Assombração* (5), *Malassombro* (2) e *Sombra* (1) e *Sombras* (1) apresentam em comum a base nominal *sombra*. As demais ocorrências foram *Visagem* (6), *Vulto* (3), *Espírito Negativo* (1) e *Fogo Corredor* (1).

Esta lexia está presente, por exemplo, no folclore do povoado Lagoinha, município de Delmiro Gouveia, registrada no livro *Caçula*, de Alessandra Figueredo Moreira, publicado em 2017, composto por 11 capítulos de relatos de memórias baseadas na vida do pai da escritora. No capítulo 7, “Fogo corredor”, Caçula conta sobre sua curiosidade em relação ao fogo corredor, história de assombração contada pelos adultos da Lagoinha após a reza dos ofícios na casa de seus avós paternos. Chega um momento em que Caçula propõe ao irmão, Dedé, e ao primo, Biru, investigarem a existência do fogo corredor. Estes relutam. Contudo, no dia seguinte, Caçula volta a insistir na ideia, até que os meninos cedem. Na noite marcada, do alto de um açude, finalmente os meninos veem duas bolas de fogo se movendo no escuro, como fogos de artifício. No entanto, quando as bolas começam a ir na direção deles, Caçula acorda e descobre que tudo não passara de um pesadelo.

Já para a pergunta 149 do QSL – “O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?”, buscam-se variantes lexicais para uma ação relacionada à feitiçaria.

Gráfico 03 – Feitiço: quantidade de ocorrências



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O quadro abaixo especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

Quadro 7 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 149

ITENS DO QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 149 – FEITIÇO	4 Macumba	3 Macumba	3 Macumba
	1 Despacho	2 Macumbaria	3 Despacho
	1 Bruxaria	2 Despacho	1 Outro
	1 Outro	1 Bruxaria	
		1 Outro	
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Despacho	2 Macumba	4 Macumba
	2 Macumba	2 Despacho	1 Macumbeiro
	1 Feitiço	1 Feitiço	1 Despacho
	2 Outros	1 Bruxaria	1 Feitiço
		1 Macumbaria	1 Outro
		1 Outro	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

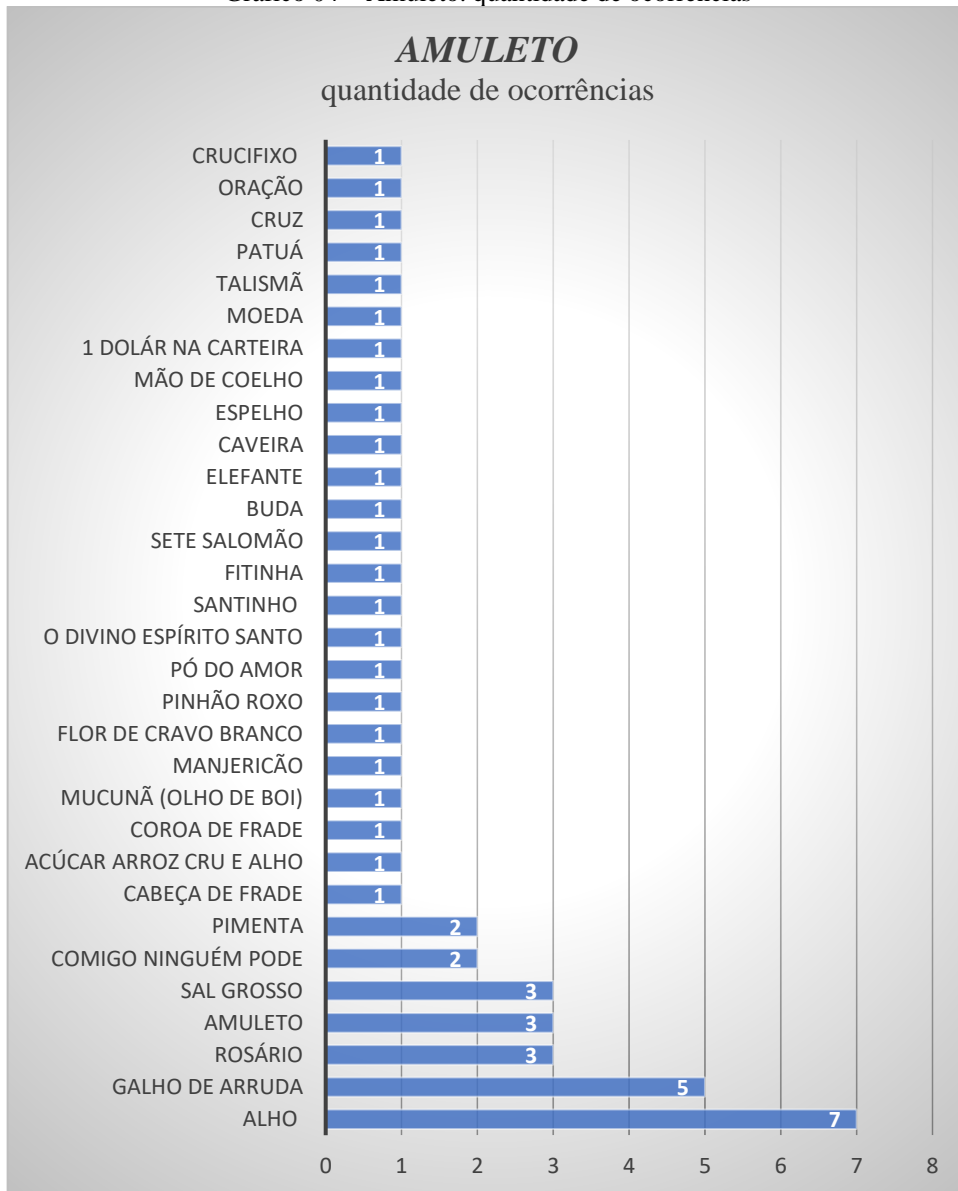
A palavra *feitiço* apareceu em 3 ocorrências, sendo bem mais produtiva as lexias de mesma base: *Macumba* (18) / *Macumbaria* (3) / *Macumbeiro* (1). *Macumba* está registrado, como primeira acepção, como “Denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais, originários do nagô, e que receberam influências de religiões africanas, ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas” (AULETE, 2022). Entre os sujeitos, como esperado, essas oferendas ou o ato de oferecer são conhecidos como *Despacho* (12), *Bruxaria* (3), *Trabalho* (2) e há uma qualificação como sendo de *Espírito Mal* (1). A forma como a pergunta 149 foi formulada tem um caráter tendencioso para algo negativo e associado às religiões de matriz africana. O interessante é que as unidades mais produtivas, *Macumba* e *Despacho*, foram obtidas, justamente, por praticantes de outras religiões, reforçando a visão, de certa forma, preconceituosa com essa matriz religiosa.

Foram também registrados os seguintes nomes: *Ebó* (2), *Catimbó* (1) e *Mocó* (1), lexias de origem africana, selecionados junto aos sujeitos M e P, ambos de matriz africana, C e S, respectivamente, católica e aldeia indígena. *Ebó*, no Aulete (2022), está registrado como “Oferenda a Exu geralmente depositada em encruzilhada, por agradecimento ou convocação”; Sentido esse também ressaltado pelo informante, conforme relato que “Tem o *Ebó* usado para o mal e para o bem, é também significado no português de despacho. *Ebó* para o bem que são coisas leves para pessoas que está doente ficar sadio, abre caminhos para trabalho e coisas do bem. Dessa maneira, registrou-se a escolha do sujeito M (homem de matriz africana) como

primeira resposta. já *Catimbó* relaciona-se a “(Bras.) catimbau, feitiçaria, espiritismo grosseiro. (Nordeste) Caipira” e *Mocó* não apresentou acepção relacionada ao conceito.

Já para a pergunta 150 do QSL – “*Como se chama o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?*”, esperam-se respostas relacionadas a amuleto.

Gráfico 04 – Amuleto: quantidade de ocorrências



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O quadro abaixo especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

Quadro 8 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 150

ITENS DO QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 150 – AMULETO	-----	1 Amuleto	1 Amuleto
	11 Outros	5 Outros	11 Outros
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	1 Amuleto	-----	-----
	1 Talismã	5 Outros	5 Outros
	1 Patuá		
	3 Outros		

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Pode-se perceber, com base no gráfico, várias formas linguísticas que contextualizam a história cultural do povo sertanejo. Para as lexias documentadas no *corpus*, obtivemos diversas formas, quais sejam: referentes a flora: *Alho* (7), *Galho de arruda*, registro simples, *Arruda* (4), *Comigo ninguém pode* (2), *Pimenta* (2), e as demais ocorrências únicas foram: *Cabeça de frade*, *Coroa de frade*, *Manjeriçã*, *Pinhão roxo*, *Flor de cravo branco*, *Açúcar com arroz cru e alho*, *Pó do amor* e *Mucunã* (olho de boi).

Para esta lexia está registrado, como acepção única, relacionada a sementes, como

s. f. || (bot.) nome de duas plantas do Brasil da fam. das leguminosas (*Dolichos pruriens* e *D. urens*), que dão umas vagens cobertas com uns pelos, os quais quando tocam no corpo produzem um prurido muito forte. Também lhes chamam *comandá-açu*, *fava-coceira* e *pó-de-mico*. || Os próprios pelos dessas vagens, que reduzidos a pó recebem o nome de *pó-de-mico*. || V. *feijão-da-florida*. || Var.: *mucuna* e *mucuná*. || (Bahia) Var. de *picumã* (AULETE, 2022).

Figura 3 – Mucunã



1

Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/sickilla/5396295328>.

Acesso em: set. de 2022.

Essa semente também é conhecida por olho de boi, semente utilizada como amuleto de proteção contra inveja e praguejo, usadas na produção de colar e pulseiras, conforme relato do informante Q (homem de aldeia indígena) como segunda resposta. Além dessas, foram apresentadas outras lexias para *Amuleto*. Como *Rosário* (3), *O Divino Espírito Santo* (1) e *Santinho* (1), formas de instrumentos utilizados na religião católica. Com entidades de religiões não cristãs, objetos de superstições, como *Fitinha*, *Sete Salomão*, *Buda* e *Elefante*, tiveram uma ocorrência cada. *Sete Salomão*: “[Etnografia] Espécie de talismã, formado por dois triângulos sobrepostos, geralmente de metal, entrelaçados em forma de estrela de seis pontas, a que o vulgo atribui virtudes contra os malefícios” (AULETE, 2022). Para a lexia *Elefante*: não apresentou acepção relacionada ao conceito. De acordo com o relato do sujeito C (mulher de religiosidade católica) que representa uma divindade relacionada à proteção, em entrada de residências.

Figura 4 – Elefante



Disponível em: <https://toshioshimada.com/2017/03/11/ganesha-deus-da-prosperidade>.

Acesso em: set. de 2022.

Além de outras ferramentas de superstição: *Sal grosso* (2), e as demais lexias foram de ocorrência simples e demonstram uma riqueza lexical e cultural que são: *Patuá*, *Caveira*, *Talismã*, *Espelho*, *Mão de coelho*, *Sal*, *1 Dólar na carteira* e *Moeda*. A lexia *Patuá* merece destaque, “Pequeno amuleto, ger. um saquinho, contendo oração ou relíquia; BREVE; RELÍQUIA” (AULETE, 2022). Registra-se como interessante a escolha do sujeito M (homem de matriz africana), praticamente como primeira resposta em sua concepção, declara talismã e patuá de mesma significação, ordem de suas respostas: *Talismã*, *Patuá* e *Amuleto*. Ainda ressaltou que “*Patuá* contém rezas, figas, orações pra defender as pessoas do mal e servi para afastar as coisas do mal para que o bem fique protegido”.

Figura 5 – Patuá

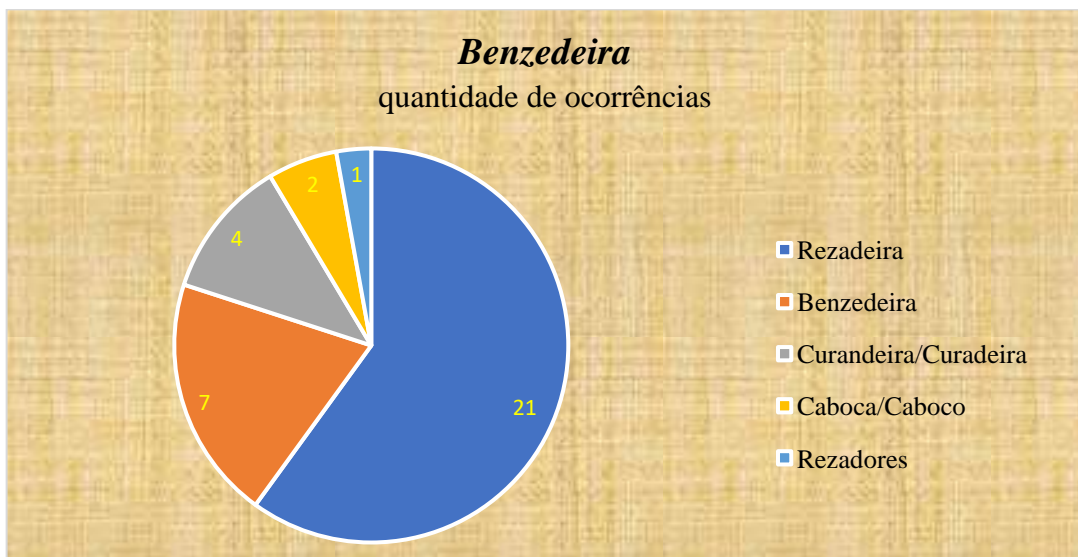


Disponível em: <https://www.horoscopovirtual.com.br/artigos/o-que-sao-os-pautas>.
Acesso em: set. de 2022.

Consideramos as lexias utilizadas pelos informantes. No entanto, nem todas as respostas têm o mesmo valor para o referente *Amuleto*, já que o conceito de variação prevê que sejam formas alternativas para dizer a mesma coisa, em mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. Nesse caso, o valor de verdade é alterado, pois alguns itens observados, como *Alho* e *Arruda*, por exemplo, dizem respeito a tipos de amuleto e não ao conceito de amuleto em si, visto como o objeto ou coisa utilizado para atrair sorte e proteção.

Já para a pergunta 151 do QSL –“*Como se chama* uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? –, esperam-se respostas relacionadas à busca pela cura de doenças. Diferente da questão anterior, não foram diversas as lexias registradas durante as entrevistas, como disposto no gráfico abaixo.

Gráfico 05 – Benzedeira: quantidade de ocorrências



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O quadro abaixo especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

Quadro 9 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 151

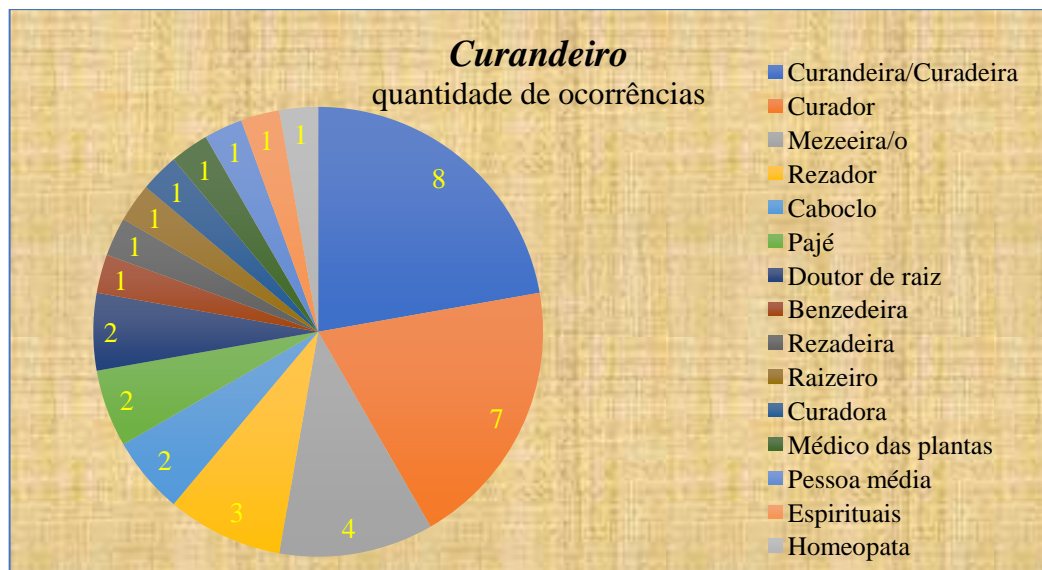
ITENS DO QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 151 – Benzedeira	3 Rezadeira	3 Benzedeira	4 Rezadeira
	2 Benzedeira	3 Rezadeira	2 Curandeira
		1 Rezadores	1 Benzedeira
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Rezadeira	4 Rezadeira	4 Rezadeira
	1 Benzedeira	1 Curandeira	1 Benzedeira
	1 Curandeira		
	2 Outros		

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A lexia mais produtiva foi *Rezadeira* (21) / *Rezadores* (1), o que demonstra a relação com a base agentiva – aquela que reza – que consta no descritor da pergunta 151. *Benzedeira* e *Curandeira* apresentaram 9 e 4 ocorrências, respectivamente. *Caboca* e *Caboco* tiveram uma ocorrência cada, palavras relacionadas a caboclo – “7. Religião. Nome genérico dos espíritos de ancestrais indígenas brasileiros, nas religiões ou seitas afro-brasileiras” (AULETE, 2022).

Já para a pergunta 152 do QSL – “*Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?* –, também esperam-se respostas relacionadas à cura de doenças, seja do gênero masculino ou feminino. A diversidade de lexias registradas foi bem mais expressiva em relação à da pergunta 151.

Gráfico 06 – Curandeiro: quantidade de ocorrências



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O quadro abaixo especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

Quadro 10 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 152

ITENS DO QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 152 – CURAN- DEIRO	2 Curandeiro	2 Curador	4 Curador/a
	2 Curandeira	1 Raizeiro	1 Rezador
		3 Outros	1 Curandeira
			5 Outros
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Curandeira	1 Rezador	1 Rezador
	1 Curador	1 Curador	1 Curandeira
		1 Rezadeira	1 Outro
		4 Outros	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

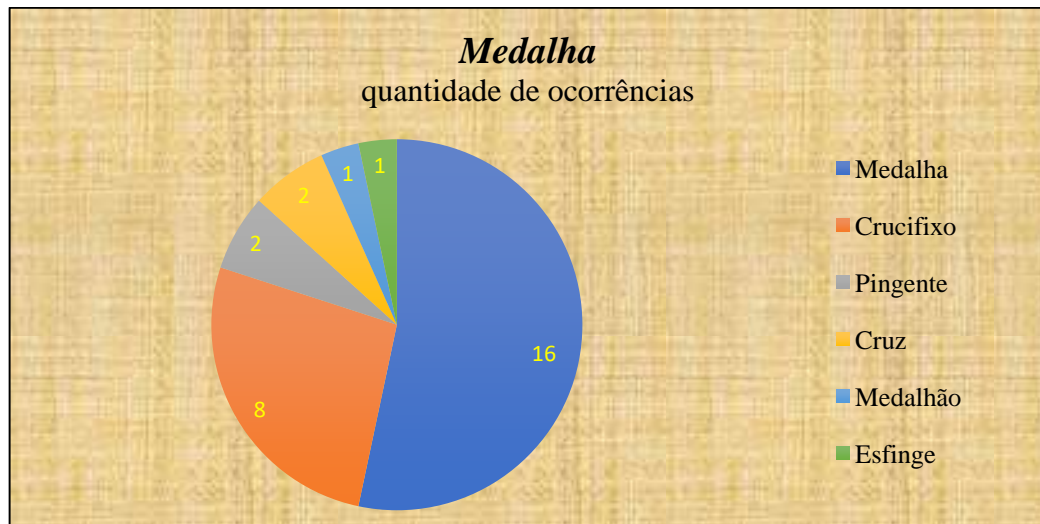
Curandeiro/Curandeira foram as lexias mais produtivas, com 9 ocorrências, seguido de *Curador*, com 7, e *Curadora*, de ocorrência simples. *Rezador* (3), *Benzedeira* (1) e *Rezadeira* (1) demonstram a concorrência entre os sufixos -dor e -eiro, ambos com função de agente. *Mezeiro/Mezeira* foram registrados por quatro dos sujeitos, relacionado a “Qualquer remédio em geral. Remédio caseiro. Cf. *mesinha*. F. Lat. *Medicina* (AULETE, 2022). Já *Doutor de raiz* (2) e *Raizeiro* (1) estão relacionados à mesma base nominal, *raiz*. Assim como na pergunta anterior, *Caboclo* apresentou duas ocorrências, ambos sujeitos R e T, de religiosidade indígena. *Pajé* teve duas ocorrências, também de sujeitos de religiosidade indígena (S e T). As demais lexias também tiveram ocorrência única, a saber: *Homeopata*, *Médico das plantas*, *Pessoa média* e *Espirituais*.

Como pode ser constatado por meio da contextualização da pesquisa, alguns itens se vinculam diretamente a dois contextos religiosos, outros não. Selecionaram-se, para essas considerações, aqueles que apresentam vínculo em duas vertentes religiosas nos processos de nomeação presentes no *corpus*. Apresentam-se, em seguida, as lexias que revelam um vínculo direto com tais correntes religiosas. Foram da religião de Matriz Africana e de Aldeia Indígena que fizeram uso de mesma variante *Caboclo* e *Cabocla*. Já para a variante *Mezeiro* que foi registrada pelos religiosos de religião espírita e de aldeia indígena e também dos que não se consideram religiosos.

Já para a pergunta 153 do QSL – “*Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?*” –, esperam-se respostas relacionadas a um objeto ou instrumento de crença e religiosidade do sujeito. Assim, obtivemos a lexia *Medalha*, que relaciona a “Peça gravada (com um motivo qualquer) que se

carrega presa ao pescoço ou ao pulso, como amuleto ou berloque” (AULETE, 2022). Sendo esse um dos instrumentos de conhecimento comum entre os religiosos, pelo uso na devoção popular e na religiosidade de práticas espirituais. Já que foi mencionada entre todos os municípios onde foram feitas as entrevistas e a sujeitos de todas as denominações religiosas e autodeclarados ateus.

Gráfico 07 – *Medalha*: quantidade de ocorrências



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O quadro 11 especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

Quadro 11 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 153

ITENS DO QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 153 – MEDA-LHA	2 Medalha	3 Medalha	1 Medalha
	2 Outros	2 Outros	1 Medalhão
			3 Outros
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	3 Medalha	3 Medalha	4 Medalha
	1 Outro	2 Outros	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 6 – Medalha



Disponível em: <https://maeimaculada.wordpress.com/2020/11/27/o-significado-da-medalha-milagrosa/>.

Acesso em: set. de 2022.

Não houve na resposta mais produtiva uma surpresa: *Medalha* (16) / *Medalhão* (1), seguido de *Crucifixo* (8) e *Cruz* (2). Esses últimos relacionam-se à fé cristã. As demais respostas foram: *Pingente* (2) e *Efígie* (1). Para esta lexia registra-se o sentimento de “Representação, ger. em relevo, da imagem de um personagem real ou imaginário ou de uma divindade: *uma moeda com a efígie da República*” (AULETE, 2022). Registra-se como interessante a escolha do sujeito M (de matriz africana) como segunda resposta: *Efígie* e para primeira: *Medalha*.

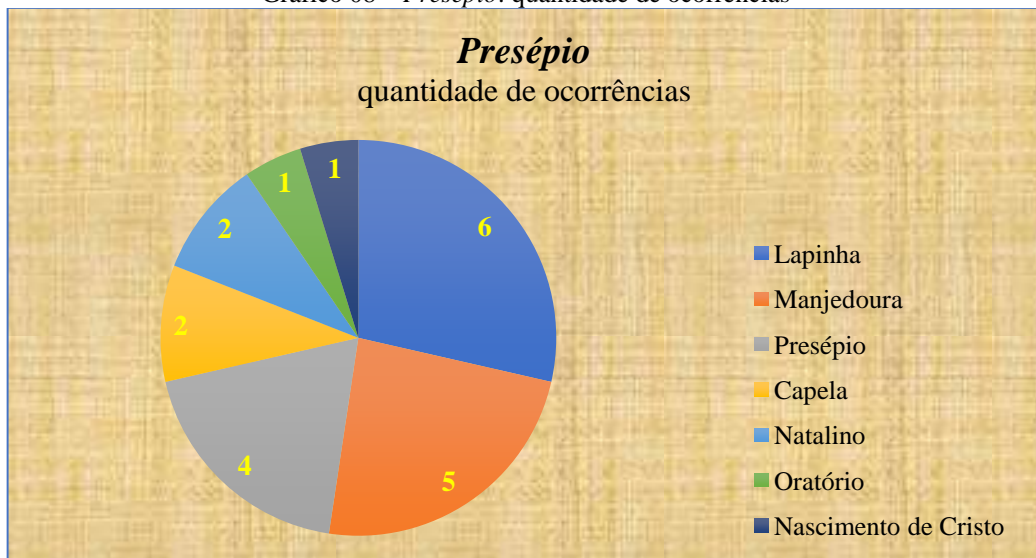
Figura 7 – Efígie em moeda



Disponível em: <https://www.mundonumismatico.com.br/404/product-empty>.
Acesso em: nov. de 2022.

A pergunta 154 do QSL foi “Como chamam, no Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus?”. As respostas estão listadas no Gráfico a seguir.

Gráfico 08 – *Presépio*: quantidade de ocorrências



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O quadro 12 especifica as unidades léxicas por vertente religiosa.

Quadro 12 - Unidades léxicas por vertente religiosa para a pergunta 154

ITENS DO QSL	LEXIAS		
	CATÓLICA	PROTESTANTE	ESPÍRITA
QSL 154 – PRESÉPIO	3 Lapinha	1 Manjedoura	1 Presépio
	1 Presépio	2 Outros	1 Manjedoura
	1 Manjedoura		1 Lapinha
			2 Outros
	MATRIZ AFRICANA	ALDEIA INDÍGENA	NÃO RELIGIOSA/ATEIA
	2 Lapinha	-----	1 Presépio
	1 Presépio	2 Outros	1 Manjedoura
	1 Manjedoura		

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Figura 8 – Presépio



Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/wp-content/uploads/2021/12/presepio3.jpg.webp>.

Acesso em: set. de 2022.

A lexia mais registrada, surpreendentemente, não foi *Presépio*, com 4 ocorrências, mas *Lapinha* e *Manjedoura*, com 6 e 5 ocorrências cada. As demais ocorrências foram *capela* (2), *natalino* (2), *oratório* (1) e *nascimento de Cristo* (1). Para a lexia *Presépio* no Aulete (2022): “Representação em maquete do estábulo em que nasceu Jesus e da cena do nascimento”. Anualmente, celebramos essa tradição religiosa, advinda dos portugueses no tempo colonial por padre José de Anchieta em representação cristã para os indígenas.

Vale ressaltar que, embora anteriormente tenhamos recorrido ao dicionário para apresentar o significado de algumas palavras, a função do dicionário não se limita a dar essa significação, mas também fornecer conhecimento linguístico e de mundo. Mesmo assim, algumas palavras ainda não constam nos dicionários, talvez por serem novas ou pouco usadas. Sabemos que a língua está em constante renovação. Além disso, há as unidades fraseológicas. Para compreendermos essa questão, que acreditamos que merece ser destacada aqui, devemos compreender um pouco sobre fraseologia, que

[...] é um fenômeno linguístico que se relaciona com todos os níveis da linguagem [...] com o objetivo de estudar as combinações de unidades léxicas estáveis e com certo grau de idiomaticidade, que sejam polilexicais, ou seja, compostas por mais de um item, e que constituam a competência discursiva dos falantes (PAIM, 2018, p. 33).

As unidades fraseológicas, assim, são formações sintagmáticas constituídas por mais de um item lexical, que possuem certa estabilidade e são institucionalizadas pelo uso, segundo o que afirma Paim (2018) a partir dos estudos de Mejri (1997). Lexia, por sua vez, é a nomenclatura utilizada por Pottier e podem ser classificadas em simples, complexa e composta.

Na obra *Grammaire de l'Espagnol*, adaptada, posteriormente, para o Português com o nome de *Estruturas Lingüísticas do Português*, Pottier distingue as lexias da seguinte forma:

Lexia simples: árvore, saiu, entre, agora;

Lexia composta: primeiro-ministro, guarda-florestal, olho-de-sogra;

Lexia complexa estável: estado de sítio, cesta básica, uma estação espacial, Cidade Universitária;

Lexia textual: “quem tudo quer, tudo perde” (MARTINS, 2002, p. 3).

Na nossa pesquisa, algumas designações para as perguntas do QSL do ALiB se mostraram mais acentuadas, sendo representadas por meio de fraseologismos, em particular para as questões de número 147 (*Bubônica da peste, Coisa ruim, Pai da mentira, Inimigo das nossas almas, Anjo caído, Anjo decaído, Maria Mulambo, Zé Bebinho, O rei da magia*), 148 (*Mal assombração, Espírito negativo*), 149 (*Espírito mal*), 150 (*Comigo ninguém pode, Flor de cravo branco, Divino Espírito Santo, Sete Salomão, Coroa de frade*) e 152 (*Doutor de raiz*).

Fazendo um adendo à questão da crítica ao conceito limitado de palavra tratado por Marcela Paim, a partir de Mejri (1997), no qual se destaca “o caráter impreciso e flutuante” de tal definição (PAIM, 2018, p. 37), observamos que, no QSL do ALiB, as lexias esperadas como respostas para as questões 147 a 154 apresentam apenas um item: *diabo, fantasma, feitiço, amuleto, benzedeira, curandeiro, medalha e presépio*), ou seja, sem menção/previsão à utilização de fraseologismos.

Diante dessas descrições e análises dos dados, em que trazemos todas as respostas transcritas e quantificadas por meio de gráficos a partir das oito perguntas referentes ao campo *Religião e crenças*, e ao mesmo tempo relatando também a dicionarização, damos agora lugar à comparação do resultado das respostas da nossa pesquisa com as respostas da tese de Barbosa-Doiron (2017), do ALEAL (Atlas Linguístico de Alagoas) e da pesquisa de Santos (2019).

O Atlas Linguístico de Alagoas, ALEAL, é formado por uma rede de pontos que tem ao todo 21 localidades: vinte municípios e uma capital, que são Delmiro Gouveia (ponto 1), Canapi (ponto 2), Santana do Ipanema (ponto 3), Piranhas (ponto 4), Pão de Açúcar (ponto 5), Traipu

(ponto 6), Penedo (ponto 7), Piaçabuçu (ponto 8), Coruripe (ponto 9), Arapiraca (ponto 10), Palmeira dos Índios (ponto 11), Quebrangulo (ponto 12), Limoeiro de Anadia (ponto 13), São Miguel dos Campos (ponto 14), Pilar (ponto 15), Marechal Deodoro (ponto 16), Maceió (ponto 17), União dos Palmares (ponto 18), São Luís do Quitunde (ponto 19), Porto Calvo (ponto 20) e Maragogi (ponto 21).

A localização de cada ponto é demarcada por três divisões, quais sejam: Agreste Alagoano, Leste Alagoano e Sertão Alagoano. Esta última divisão foi o espaço *in loco* em que desenvolvemos a pesquisa de campo, que se deu em cinco das oito cidades que constituem o Sertão Alagoano: Delmiro Gouveia (ponto 1), Água Branca (ponto 2), Olho D'Água do Casado (ponto 3), Inhapi (ponto 4) e Piranhas (ponto 5). Nossa rede de pontos foi assim definida, com dois municípios (Delmiro Gouveia e Piranhas) coincidindo com os da rede de pontos de Barborsa-Doiron (2017).

Vale ressaltar, conforme a autora do ALEAL (BARBOSA-DOIRON, 2017), que ocorreu uma divisão de dois a quatro informantes por localidade devido a motivos financeiros, portanto, as cidades escolhidas para quatro entrevistados foram sete dentre as mais antigas, quais sejam: Maceió, Marechal Deodoro, Penedo, Porto Calvo, Santana do Ipanema, São Miguel dos Campos e União dos Palmares, e assim ficou determinado quatro informantes, sendo dois homens e duas mulheres, distribuídos em duas faixas etárias, de 30 a 50 anos e de 55 a 75 anos; e nas demais localidades com dois informantes: um homem e uma mulher. Assim, o ALEAL se constitui ao todo de 56 informantes.

Já para os informantes de nossa pesquisa, ficou distribuído dessa forma: Delmiro Gouveia, 8 informantes, 4 da religião espírita e 4 de religião de matriz africana; Água Branca, 8 informantes, 4 de religião de tradição indígena e 4 sem religião; Olho d'Água do Casado, 4 informantes da religião católica; e, para completar, os 4 informantes da Igreja protestante são de Inhapi (2) e Piranhas (2), totalizando 24 informantes, 12 homens e 12 mulheres.

Os informantes do ALEAL e os desta pesquisa têm em comum o fato de residirem em Alagoas, e terem nível escolar de ensino fundamental completo ou incompleto, ou mesmo serem analfabetos. Além disso, há também a interseção das perguntas utilizadas na pesquisa, porém, ela fez uso de apenas seis das perguntas contempladas na área do nível semântico-lexical do campo de religião e crenças do projeto ALiB (2001). Para os estudos de nossa pesquisa de campo, definimos trabalhar com todas as oito perguntas do campo de crenças e religiosidade no Sertão Alagoano.

Diante do que foi dito anteriormente, seguimos para as análises comparativas entre a nossa pesquisa e a pesquisa de Barbosa-Doiron (2017). Portanto, a comparação desta pesquisa

se dará com duas cartas linguísticas do ALEAL que tecem uma variação lexical em respostas às perguntas do campo de crenças e religiosidade, através de cartas linguísticas.

Figura 9 – Recorte da Carta 73 *Diabo*, do Atlas Linguístico de Alagoas



Fonte: Barbosa-Doiron (2017).

A leitura das duas cartas linguísticas pode ser compreendida pelos resultados apresentados nas tabelas (quadros 5 e 6) a seguir. Por meio dele engloba a rede de pontos definida pela autora, a qual toma como base a divisão de Nascente (1953) que toma os falares do Norte e do Sul. Essa rede circunscreve a localização de municípios e Estado. Desse modo, agrega uma quantificação de resultados obtidos entre homens e mulheres por meio de perguntas. Além disso, apresenta através de uma cruz, as respostas no formato de duas formas geométrica sendo um círculo para representar o homem e um triângulo para representar a mulher, ambos em cores simbolizando cada lexia. A cruz simboliza duas representações: homens (lado esquerdo), mulheres (lado direito), além de nela representar duas faixas-etárias para ambos, sendo que na parte superior de cada lado fica a primeira faixa etária e a segunda faixa etária fica na parte inferior.

Dessa forma, apresentamos a carta linguística de número 73 do ALEAL, QSL 143 – *Diabo*, em que demarca uma rede de 21 pontos que abrange todo o Estado de Alagoas. Barbosa-Doiron (2017) considera que essa questão (“Deus está no céu e no inferno está _____?”) é uma das mais produtivas, que correspondente ao projeto ALiB (2001, p. 33), a qual registra como respostas quatro lexias e o termo “outros”, como segue abaixo:

Quadro 13 – Quantidade de ocorrências de lexias e localidades da carta 73 do ALEAL

INFORMANTES				
MASCULINO		FEMININO		LOCALIDADES
16	Satanás	14	Satanás	20 (3 delas no Alto Sertão)
10	Diabo	11	Diabo	10 (1 delas no Alto Sertão)
7	Cão	9	Cão	12 (3 delas no Alto Sertão)
2	Capeta	4	Capeta	4 (1 delas no Alto Sertão)
5	Outros	9	Outros	11 (2 delas no Alto Sertão)

Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em Barbosa-Doiron (2017).

Diante desses registros de ocorrências lexicais resultantes da pesquisa de pergunta 147, obtidas nas 21 localidades, fazemos um recorte para analisar os pontos que pertencem ao Sertão Alagoano, que é o foco de nossa pesquisa. Na carta linguística 73 (BARBOSA-DOIRON, 2017), no ponto 1, Delmiro Gouveia, em termos de ocorrências registradas sobre o informante masculino, há apenas uma ocorrência da lexia *Cão*. A informante feminina apresentou duas ocorrências, destacadas na lexia *Satanás* e *Outros*. Cabe ressaltar que esse termo usado pela autora de “Outros” denomina diferentes nomeações únicas dadas como respostas pelos informantes do ALEAL.

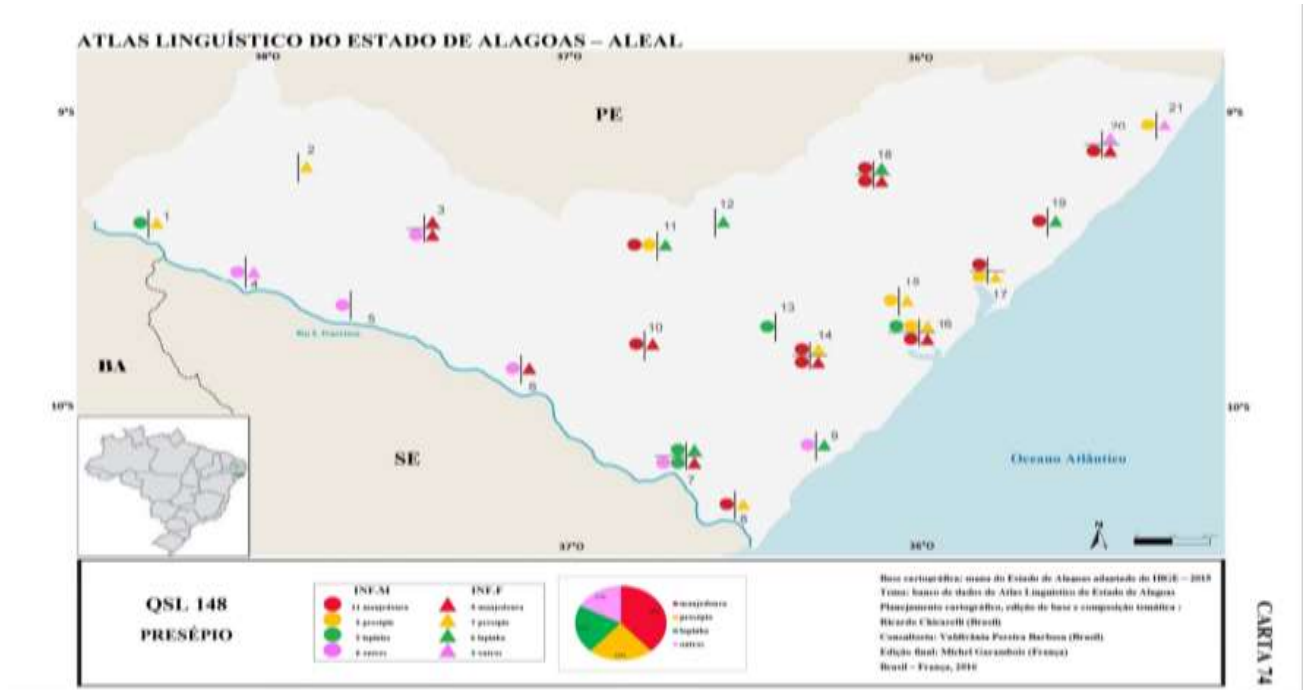
No ponto 2, Canapi, em relação ao informante masculino, registrou-se uma ocorrência da lexia *Cão*. Em relação à informante feminina, registraram-se três ocorrências, *Satanás*, *Cão* e *Capeta*. E no último ponto do Sertão Alagoano, temos em comum a cidade de Piranhas, onde concluímos a pesquisa *in loco*, por Barbosa-Doiron (2017) e por mim. Nesse ponto, por ela apresentado como ponto 4, em relação ao informante masculino, registraram-se duas ocorrências: *Diabo* e *Outros*. Quanto à informante feminina, registraram-se três ocorrências, quais sejam: as lexias *Diabo*, *Satanás* e *Cão*.

Diante desses resultados cartografados na carta linguística de número 73 de Barbosa-Doiron (2017), situados nas três localidades que pertencem ao Sertão Alagoano, a lexia mais produtiva é *Cão* (4), atrás de *Satanás* (3), *Outros* (2 respostas únicas), e *Capeta* (1). Portanto, a predominância obtida foi a palavra *Cão*. Essa predominância resultante das análises da lexia *Cão*, levando em comparação com o resultado de nossa pesquisa de campo, exatamente nessa pergunta de número 147, as lexias mais produtivas obtivemos como respostas foram: *Cão* (10), *Lúcifer* (8), *Satanás* e *Diabo* (7 cada), *Demônio* (6), *Capeta* (3) e *Inimigo* (2). As demais lexias de forma única somam 22. Isso foi registrado nas cinco localidades pesquisadas. Concluímos que entre o sertão de Barbosa-Doiron (2017) e o sertão desta pesquisa, ambos têm em comum a predominância da lexia *Cão*.

Partindo do resultado do Sertão Alagoano obtido em nossa pesquisa e dos dados do ALEAL, respectivamente, obteve-se como mais predominante a lexia *Cão* (com 10 registros,

em três localidades) e *Satanás* (com 30 registros, nas 21 localidades). Portanto, não são lexias homogêneas no território alagoano. Já em relação à lexia de menor ocorrência, a lexia *Capeta* conta com 3 registros no Sertão e 6 registros no ALEAL.

Figura 10 – Recorte da Carta 74 *Presépio*, do Atlas Linguístico de Alagoas



Fonte: Barbosa-Doiron (2017).

Comparando agora mais uma carta linguística, a de número 74 (BARBOSA-DOIRON, 2017), com a pergunta 154 (“No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?”), espera-se como resposta a lexia *Presépio* e, no entanto, a lexia mais recorrente foi *Manjedoura* (20), registrada em 12 localidades. Os demais registros e suas respectivas localidades seguem abaixo:

Quadro 14 – Quantidade de ocorrências de lexias e localidades da carta 74 do ALEAL

INFORMANTES				
MASCULINO		FEMININO		LOCALIDADES
11	Manjedoura	9	Manjedoura	12 (nenhuma no Alto Sertão)
5	Presépio	7	Presépio	9 (2 delas no Alto Sertão)
5	Lapinha	6	Lapinha	9 (1 delas no Alto Sertão)
6	Outros	3	Outros	8 (1 delas no Alto Sertão)

Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base em Barbosa-Doiron (2017).

Diante desses resultados cartografados na carta linguística de número 74, situados nas três localidades que englobam o Sertão, no ponto 1, Delmiro Gouveia, registrou-se, para o

informante masculino, a lexia *Lapinha* (1), e, para a informante feminina, a lexia *Presépio* (1). No ponto 2, Canapi, houve apenas uma ocorrência da informante feminina no registro da lexia *Presépio* (1). No ponto 4, Piranhas, registrou-se duas ocorrências no termo “Outros”, sendo ambos os informantes masculino e feminino. Gerou-se, assim, uma predominância na lexia *Presépio*, com dois registros em duas localidades: Delmiro Gouveia e Canapi.

Essa predominância da lexia *Presépio* nos estudos de Barbosa-Doiron (2017) em relação ao Sertão Alagoano, levando em comparação com o resultado da nossa pesquisa de campo, exatamente nessa pergunta de número 154, as lexias mais produtivas que obtivemos como respostas foram: *Lapinha* (6), atrás *Manjedoura* (5), *Presépio* (4), *Capela* (2), *Natalino* (2), *Oratório* e *Nascimento de Cristo* (1 cada). A predominância da lexia *Lapinha* ocorreu em localidades: Delmiro Gouveia e Olho d’Água do Casado.

Concluimos que entre o sertão de Barbosa-Doiron (2017) e o sertão desta pesquisa não houve a mesma predominância da forma léxica, que foram, respectivamente, *Presépio* e *Lapinha*. Assim, ocorreu uma divergência na forma obtida entre as duas pesquisas.

Já em relação à pesquisa de Georgiana Márcia Oliveira Santos, no artigo *Religião e crenças: uma análise léxico-semântica dos dados do ALiB no Maranhão*, no qual a pesquisadora investiga fatores geossociolinguísticos capazes de influenciar a variação lexical maranhense no campo semântico *Religião e Crenças*, observamos algumas semelhanças e diferenças em comparação com a nossa pesquisa.

Santos (2019) utiliza as três primeiras perguntas (147, 148 e 149) do QSL do ALiB no campo *Religião e crenças*. Segundo a autora, “[...] entre as variantes lexicais de *diabo* coletadas nos municípios investigados, as mais recorrentes foram *cão*, *satanás* e *demônio*, nessa ordem” (SANTOS, p. 165, 2019). No nosso trabalho, as variantes lexicais mais recorrentes em relação à pergunta 147 foram *Cão* (10), *Lúcifer* (8), *Satanás* e *Diabo* (7 cada), o que mostra, portanto, uma maior predominância da lexia *Cão* na comparação entre as duas pesquisas.

Sobre a questão 148 do QSL, Santos (2019) observou uma maior diversidade de variantes lexicais em São Luís para a lexia que o projeto ALiB prevê como a mais padrão nesse caso, que é *Fantasma*. “Nos demais municípios, as lexias mais frequentes foram *alma* e *visagem*” (SANTOS, 2019, p. 167). Na nossa pesquisa, as variantes lexicais mais recorrentes para a pergunta 148 foram *Alma* (17), *Espírito* (12) e *Visagem* (6), o que mostra, portanto, uma semelhança nas lexias *Alma* e *Visagem* em relação à pesquisa de Santos (2019), enquanto, na nossa pesquisa, a lexia *Fantasma* apresenta cinco ocorrências ao lado da lexia *Assombração*.

Por fim, em relação à questão 149 do QSL, Santos (2019, p. 168), “entre as variantes lexicais para essa questão, as que tiveram um maior percentual de frequência foram,

respectivamente, *macumba*, *feitiço* – estabelecida pelo ALiB como a padrão para essa questão – e *despacho*”. No nosso trabalho, as variantes lexicais mais recorrentes em relação à pergunta 149 foram *Macumba* (18), *Despacho* (12), *Bruxaria* e *Feitiço* (3 cada), o que mostra, portanto, uma maior predominância da lexia *Macumba* na comparação entre as duas pesquisas.

Sobre os resultados obtidos, de uma forma geral, considerando apenas a nossa pesquisa e fazendo um recorte analítico acerca das variáveis consideradas em nosso trabalho⁴, em relação à variação lexical referente à questão 147 do QSL, as lexias mais frequentes foram *Cão* e *Satanás*. Quanto à variável diatópica (de espaço geográfico), destacamos que no município de Delmiro Gouveia observamos a maior diversidade de variantes lexicais para a pergunta 147, na qual o ALiB prevê a lexia *Diabo* como a padrão. Embora esta lexia não tenha sido mencionada entre os informantes deste município, foi pontuada em todos os outros, sendo mais recorrente entre os protestantes masculino e feminino das cidades de Piranhas e Inhapi. Quanto à variável sexo, os homens forneceram mais variantes lexicais.

Em relação à variação lexical referente à questão 148 do QSL, na qual o ALiB prevê a lexia *Fantasma* como a padrão, acerca da variável diatópica, destacamos também o município de Delmiro Gouveia, onde observamos a maior diversidade de variantes lexicais para essa pergunta. A lexia *Fantasma* foi registrada em todos os municípios, exceto Inhapi. Todos os religiosos e não religiosos, exceto os de religião Espírita, fizeram uso da variante. Dentre todos os municípios, as lexias mais frequentes foram *Alma* e *Espírito*. Quanto à variável sexo, os homens demonstraram mais variantes lexicais.

Acerca da variação lexical referente à questão 149 do QSL, quanto à variável diatópica, destacamos o município de Água Branca, onde observamos a maior diversidade de variantes lexicais para *Feitiço*. Esta lexia foi registrada apenas no município já citado e em Delmiro Gouveia. Já em relação às religiões que fizeram uso dessa variante estão as de Matriz Africana, Aldeia Indígena e os sem religião. Dentre todos os municípios, as lexias mais frequentes foram *Macumba* e *Despacho*. Quanto à variável sexo, os homens apresentaram novamente mais variantes lexicais.

Sobre a variação lexical referente à questão 150 do QSL, que prevê como mais recorrente a lexia *Amuleto*, quanto à variável diatópica, destacamos o município de Delmiro Gouveia como o que tem a maior diversidade de variantes lexicais para *Amuleto*. Esta lexia foi registrada no município supracitado e em Piranhas. Já em relação às religiões que fizeram uso

4 Nesse recorte, não consideramos as variáveis diastrática e diageracional porque, em nosso trabalho, consideramos informantes de apenas uma faixa etária (50 anos acima) que tenham formação apenas até o Ensino Fundamental.

dessa variante estão as de Matriz Africana, Protestante e Espírita. Dentre todos os municípios, as lexias mais frequentes foram *Alho* e *Arruda*. Quanto à variável sexo, as mulheres demonstraram mais variantes lexicais.

Em relação à variação lexical referente à questão 151 do QSL, na qual o ALiB prevê a *Benzedeira* como a lexia padrão, acerca da variável diatópica, observamos mais variantes lexicais no município de Delmiro Gouveia. A lexia *Benzedeira* foi registrada em todos os municípios. Todos os religiosos e não religiosos fizeram uso da variante. Dentre todos os municípios, as lexias mais frequentes foram *Rezadeira* e *Benzedeira*. Quanto à variável sexo, os homens se utilizaram de mais variantes lexicais.

Acerca da variação lexical referente à questão 152 do QSL, que prevê como mais recorrente a lexia *Curandeiro*, quanto à variável diatópica, destacamos o município de Delmiro Gouveia como o de maior diversidade de variantes lexicais para *Curandeiro*. Esta lexia foi registrada nos municípios de Água Branca, Delmiro Gouveia e Olho d'Água do Casado. Já em relação às religiões que fizeram uso dessa variante estão as de Matriz Africana, Católica, Espírita e os sem religião. Dentre todos os municípios, as lexias mais frequentes foram *Curandeiro/a* e *Curador*. Quanto à variável sexo, os homens usaram mais variantes lexicais.

Sobre a variação lexical referente à questão 153 do QSL, na qual o ALiB prevê a *Medalha* como a lexia padrão, acerca da variável diatópica, observamos mais variantes lexicais no município de Delmiro Gouveia. A lexia *Medalha* foi registrada em todos os municípios. Todos os religiosos e não religiosos fizeram uso da variante. Dentre todos os municípios, as lexias mais frequentes foram *Medalha* e *Crucifixo*. Quanto à variável sexo, as mulheres usaram mais variantes lexicais.

Acerca da variação lexical referente à questão 154 do QSL, que prevê a lexia *Presépio* como mais recorrente, quanto à variável diatópica, destacamos o município de Delmiro Gouveia como o de maior diversidade de variantes lexicais, que foi registrada nos municípios de Água Branca, Delmiro Gouveia e Olho d'Água do Casado. Já em relação às religiões que fizeram uso dessa variante estão as de Matriz Africana, Católica, Espírita e os sem religião. Dentre todos os municípios, as lexias mais frequentes foram *Manjedoura* e *Lapinha*. Quanto à variável sexo, as mulheres foram as que mais usaram variantes lexicais.

Sem mais., destacamos a seguir algumas conclusões e perspectivas deste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia foi pautada nas diretrizes da Dialetologia e da Sociolinguística e teve como objetivo descrever e analisar ocorrências de lexias referentes ao campo semântico religião e crenças a partir de variações lexicais dos informantes do Alto Sertão Alagoano conforme as respostas das entrevistas realizadas pelo Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB). Nossa pesquisa comporta dados informacionais de coleta de dados, alinhados à divisão dialetal proporcionada por Antenor Nascentes (1953). Nele, Alagoas, inserida no falar do Norte, que engloba o subfalar nordestino e, conseqüentemente, engloba o Alto Sertão Alagoano. Portanto, é nesse cenário que evidenciamos a diversidade lexical baseada na predominância em comunidades religiosas que têm seu reconhecimento e registro no dialeto nordestino.

Nesse sentido, coletamos um vasto repertório de lexias, diante das quais propusemos relações com elementos extralinguísticos, derivados de conhecimento de mundo, de crenças e culturas populares. A correlação da riqueza linguística com a diversidade de usos pôde ser constatada, por exemplo, no tratamento dos dados da pergunta 147, no Gráfico 1, a mais produtiva de todas.

Em relação às hipóteses desta monografia, já imaginávamos que nos depararíamos com um vasto repertório e, a partir dele, poderíamos reconhecer usos linguísticos de grupos religiosos do Sertão Nordeste. Ficaram evidenciadas, por exemplo, questões, respectivamente, de nomeação e superstição (QSL 147 e 150), demonstradas no contexto sociocultural, mantendo-se denominações e significados aos espaços e às coisas. O referente *Diabo* e suas variantes pode ser relacionado à catequização imposta aos índios pelos jesuítas aqui no Brasil colonial, constatando um universo que se sucede historicamente e que ainda são produzidas em contextos socioculturais.

Nessa perspectiva, contando com a metodologia proposta na Geolinguística, o *corpus* de nossa pesquisa foi uma pequena amostra de 24 informantes residentes em cinco municípios do Alto Sertão Alagoano, sendo realizadas investigações junto a quatro pessoas de religiões distintas e não religiosos que fossem naturais de cada um desses pontos. Na Ficha do Informante, observou-se a religião declarada, o sexo e outros fatores, com o intuito de verificar possíveis influências dessas variáveis no repertório lexical dos sujeitos da pesquisa de campo. Daí obtivemos os resultados, devidamente transcritos, que permitiram descrever e analisar ocorrências lexicais.

A partir das formas lexicais esperadas nas oito perguntas pelos informantes religiosos e não religiosos, dentre as religiões, foram registradas, para a lexia *Diabo*: Católica (2- A/B)⁵, protestante (1- F e 1- G), indígena (1- Q), sem religião (2- W/X). Para a lexia *Fantasma*: católica, protestante, matriz africana, aldeia indígena e sem religião, uma cada, todos masculinos, respectivamente, A, E, M, Q e U. Para a lexia *Feitiço*: matriz africana (1- M), aldeia indígena (1- Q) e sem religião (1- X). Para a lexia *Amuleto*: protestante, espírita e matriz africana, uma cada, todos masculinos, respectivamente, F, J e M. Para a lexia *Benzedeira*: católica (2- C/D), protestante (1-E e 2- G/H), espírita (1- J), matriz africana (1- N), sem religião (1- X). Para a lexia *Curandeiro/a*: católica (2- A/B e 2- C/D), espírita (1-K), matriz africana (2- M/N e 1-O) e sem religião (1-X). Para a lexia *Medalha*: católica (2- C/D), protestante (2- E/F e 1- H), espírita (1- K), matriz africana (2- M/N e 1- O), aldeia indígena (2- Q/R e 1- S), sem religião (2- U/V e 2- W/X). Para a lexia *Presépio*: católica (1- D), espírita (1- L), matriz africana (1- M), sem religião (1- X).

Diante dessas respostas, identificamos maior número de denominações correspondentes àquelas presentes nas oito perguntas do QSL do campo *Religião e crenças* do projeto ALiB, em ordem decrescente: nas religiões católica (12 ocorrências), protestantes, matriz africana e sem religião (11 ocorrências cada) e espírita e aldeia indígena (6 ocorrências cada). Sobre os resultados obtidos, de uma forma geral, os homens se mostraram mais produtivos em relação à quantidade de variantes utilizadas.

Principalmente na pesquisa de campo, percebemos o valor histórico-cultural desses grupos sociais de diferentes religiões e sem religião. Buscamos, com uma perspectiva equânime, que não haja hierarquização nos ambientes sociais, sem preconceito e sem sofrerem intolerância à sua fé, à sua crença e às suas escolhas religiosas. Que eles possam ser entendidos e respeitados em suas decisões religiosas, no uso de suas variantes linguísticas e em seus posicionamentos no mundo.

A competência comunicativa/linguística ficou bastante evidente nas falas dos informantes, uma vez que alguns se utilizaram de sinônimos e de eufemismos com base em suas vivências cotidianas. Com essas observações, ficaram expostos determinados conhecimentos durante o percurso da entrevista, no sentido da religião e crenças, o que se deve à sua construção espiritual, às suas relações sociais, vivências cotidianas, atuação pública na vida em sociedade em contextos religiosos ou culturais, de modo a reverberar o conhecimento

5 Nos parênteses presentes neste parágrafo, os números e as letras se referem, respectivamente, à quantidade de ocorrências das lexis em questão e aos sujeitos da pesquisa (cf. Quadro 3, presente tópico 3.2 Sujeitos de pesquisa).

de mundo dos sujeitos, como podemos observar na fala do sujeito F no contexto da questão 147 do QSL:

INQ. – Chama por outros nomes?

INF. F – Hoje não. Porque é assim, quando a gente se converte, aceita Jesus, o evangelho. Uma das primeiras coisas que são mudada é o linguajar. A Bíblia diz que as coisas velhas se passaram, e hoje se faz tudo nova. A gente tem uma forma de falar diferente, não pronuncia palavras vãs, assim, não pronuncia palavras que não convém, que sabe que não é agradável a Deus.

Essa fala carrega um dado interessante sobre a interferência da religião no repertório lexical, inclusive sobre a preservação de unidades léxicas e tendência ao desuso imposta pelos valores da religião. Nesse sentido, podemos notar a presentificação de crenças e religiosidades por meio de conhecimentos linguísticos usados no decorrer da entrevista, em comunicação oral entre o pesquisador e o entrevistado, expondo o posicionamento religioso-ideológico demarcado na resposta: o informante se situa em um papel público de contexto religioso, ou seja, dentro de uma comunidade que tem um jeito próprio de pensar e de usar a língua (PAIM, 2018). Diante disso, podemos interpretar que a língua e a cultura são indissociáveis, ou seja, não podem ser estudadas separadamente, uma vez que se complementam. Tendo em vista que usamos a linguagem em diversas práticas de nosso convívio cotidiano em determinados contextos de fala, pensamos na constituição do sujeito religioso e nos seus modos de ser, de viver e de perceber o mundo.

Assim, para caminhar na perspectiva das variações lexicais, como foi mostrado, é preciso refletir sobre as diversas variantes usadas na comunicação, levando em conta o contexto de fala que se nos apresenta, e destacar as contribuições que esses estudos podem trazer para as escolas, por meio dos professores de diversas disciplinas e lexicógrafos, e que possam também cumprir uma função social de conhecimento e respeito a todos e todas, independente de religião, crença, raça e gênero.

Por fim, afirmo meu compromisso de vida enquanto professora e pesquisadora. Hoje, no atual cenário político, em que a religião está sendo alvo de uso por políticos que tendem a desvalorizá-la, especialmente em relação ao respeito à diversidade e à manifestação, é mais do que necessário pensar e valorizar manifestações religiosas brasileiras e seus espaços, propagar as religiões de minorias e, principalmente, lutar por políticas transformadoras de uma sociedade religiosa “sadia”, sem preconceitos para com sujeitos religiosos ou de tradição cultural, tendo a religiosidade como um meio de reflexão da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AULETE Digital. DICIONÁRIO. Disponível em: <https://aulete.com.br/tabu>. Acesso em: set. 2022.
- BARBOSA DOIRON, Maranúbia Pereira. **A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina – Brasil; Université Grenoble Alpes – França, 2016.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et. al (orgs.). **Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2013.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar**, Curitiba, n. 12, 1996, p. 51-60.
- DILLMANN, Mauro. Abordagens possíveis do ser religioso, do manifestar a fé e do viver experiências de crença: religiões e religiosidades a partir da história ensinada. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 221 - 246, abr./jun. 2018.
- FERREIRA Carlota; S. CARDOSO. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1984.
- FIGUEREDO, Alessandra. **Caçula**. Paulo Afonso: Editora Oxente, 2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed., São Paulo: Atlas, 2008.
- HOEFLE, Scott William. Igreja, catolicismo popular e religião alternativa no sertão nordestino. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/43202/100028>>. Acesso em: 2 maio 2022.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 maio 2022.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAPA CLIMA ALAGOAS. Disponível em: < https://dados.al.gov.br/catalogo/zh_TW/dataset/mapas-de-caracterizacao-territorial/resource/1996d928-00f5-4028-8a03-8fe731563798>. Acesso em: 12 maio 2022.
- Mapa das regiões. **SEADES** – Secretaria de Estado da Assistência e Desenvolvimento Social, 2022. Disponível em: <<http://www.assistenciasocial.al.gov.br/mapas-das-regioes>>. Acesso em: 2 maio 2022.
- MARTINS, Evandro Silva. O tratamento das lexias compostas e complexas. **Periódicos UFRN**, 2002.

MOTA, Jacyra Andrade. Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; Mota, Jacyra Andrade. **Sobre a Dialectologia no Brasil: Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros**. Salvador: Quarteto, 2006.

OLIVEIRA, Ingrid Gonçalves de. **Religiões e crenças na Bahia: aspectos do léxico refletidos nos dados do Projeto ALiB**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, 2016.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação diageracional em Pernambuco. **XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística Y Filología de América Latina**, ALFAL, João Pessoa - Paraíba, Brasil, 2014.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística**. Salvador: Quarteto, 2018.

PONTES, Ismael. Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): perspectivas teórico-metodológicas, *Acta Scientiarum*, v. 22, n. 1, p. 1-6, 2000.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/objetivos>. Acesso em: 10 jan. 2022.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Record, 2003.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. 466p. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, 2012.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6135/4419>>. 2 maio 2022.

SÁ, José Edimilson de. Dialectologia e Geolinguística: a ciência e o método. **Youtube**, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/b3iOgHn6aBk>. Acesso em: jan. de 2022.

SANTOS, Georgiana Márcia Oliveira. **Religião e crenças: uma análise léxico-semântica dos dados do ALiB no Maranhão**. Nº 63, núm. esp., pp. 157-170, Salvador, 2019a. Disponível em: [Religião e Crenças - análise do Maranhão tomar como exemplo.pdf](#). Acesso em: set. 2022.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Pelos caminhos das áreas dialetais e lexicais do Brasil**. Universidade Federal da Bahia, dez. de 2020.

SANTOS, Raket Teodoro dos. **Na “seca”, a chuva: a alegria do(a) sertanejo(a) alagoano(a) postada em vídeos pessoais**. Universidade Federal de Alagoas, ago. de 2019b.

SANTOS, Sergiana Vieira dos. O sertão, a vida e as figuras de uma certa religiosidade popular em Delmiro Gouveia – AL. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v.13, n. 24, jan. – jun. 2019c.

SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira. **Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SOUZA, Guilherme Muniz de.; FICAGNA, Lais Regina Dall’Agnol. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20171006092335.pdf>. Acesso em: 2 maio 2022.

TAVARES, Mauro Dillmann; RIPE, Fernando. **Um olhar sobre as religiões de matriz africana**. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da diáspora africana. Ano V, n. IX, jul. 2012.

TV UFBA. Projeto ALiB: 20 anos pesquisando a fala dos brasileiros. **YouTube**, 26 de maio de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/QnsmXFRPbMI>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntário da pesquisa e pelo responsável)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.” (Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde).

Eu,, tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo **VARIAÇÃO LEXICAL DE CRENÇA E RELIGIOSIDADE NO SERTÃO ALAGOANO**, recebi da Sr.^a MARIA ZILDA DE FRANÇA, estudante do curso de Letras/Lingua Portuguesa da UFAL/Campus do Sertão, responsável por sua execução, orientada pelo prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina à pesquisa acadêmica;
- Que sua importância é a de levantar dados orais sobre a temática destacada no título do estudo;
- Que esse estudo teve início em maio de 2022;
- Que eu participarei da seguinte etapa: conversa gravada por meio de entrevista semi dirigida;
- Que não há outros meios conhecidos para se obter os mesmos resultados;
- Que com a minha participação não sentirei nenhum incômodo e que não há riscos à minha saúde física e mental;
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: o respeito e a valorização de minhas ideias e posições sobre a temática em estudo;
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto;

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que minha participação implica, concordo em dele participar e, para isso, DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a) Domicílio/Bairro: CEP/Cidade: Telefone:
Contato de urgência: Sr. ^a MARIA ZILDA DE FRANÇA Domicílio/Bairro: Travessa da Independência, nº 32, Centro. CEP/Cidade: 57.480-000 – Delmiro Gouveia - AL. Telefone: (82) 9 9669-2976
Endereço da responsável pela pesquisa: Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS Endereço: AL-145, 3849 - Cidade Universitária, Delmiro Gouveia - AL, 57480-000 Telefones p/contato: (82) 3214-1745/ 3214-1920.

Delmiro Gouveia, de de 2022.

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal)	Nome e Assinatura do(s) responsável(eis) pelo estudo

APÊNDICE B

Fotos com alguns dos informantes da pesquisa

Ponto 1



Ponto 2



Ponto 3



Ponto 4




Ponto 5



ANEXOS

ANEXO A

Fichas da Localidade e do Informante (PROJETO ALiB, 2001)

	Projeto Atlas Lingüístico do Brasil Ficha da Localidade No. do ponto: No. do informante:
1. NOME OFICIAL:	
2. NOME REGIONAL:	
3. NOMES ANTERIORES:	
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelos habitantes de outras localidades:	
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) pelos próprios habitantes: b) pelos habitantes de outras localidades:	
6. NÚMERO DE HABITANTES: a) oficial: b) cálculo do informante:	
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:	
8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:	
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):	
10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)	
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):	
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:	

13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:
15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):
16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

		Projeto Atlas Lingüístico do Brasil Ficha do Informante No. do ponto: _____ No. do informante: _____	
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE			
1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F	5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:			
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	
RENDA			
19. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar			
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO			
20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca		21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. <input type="checkbox"/> noticiários G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. auditório F. <input type="checkbox"/> filmes	
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura		23. OUVE RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> parte do dia G. enquanto trabalha B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro C. <input type="checkbox"/> nunca F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja	
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral D. <input type="checkbox"/> noticiário policial G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> música C. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte		25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> semanalmente B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> raramente C. <input type="checkbox"/> nunca	

26. NOME DO JORNAL: _____	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial D. <input type="checkbox"/> pr. cultural G. <input type="checkbox"/> classificados B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> política H. <input type="checkbox"/> outra C. <input type="checkbox"/> variedades F. <input type="checkbox"/> página policial
A. <input type="checkbox"/> local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional	
28. LÊ REVISTA? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca	
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____	

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S): 		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO: 		
46. OBSERVAÇÕES: 		
47. NOME DO ENTREVISTADOR:	48. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: _____ UF: _____	49. DATA DA ENTREVISTA: ____/____/____ 50. DURAÇÃO: _____

ANEXO B
QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL - (PROJETO ALiB, 2001, p. 33):

RELIGIÃO E CRENÇAS

147. DIABO

Deus está no céu e no inferno está _____.

148. FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

149. FEITIÇO

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

150. AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

151. BENZEDEIRA

... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

152. CURANDEIRO

... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

153. MEDALHA

... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

154. PRESÉPIO

No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?